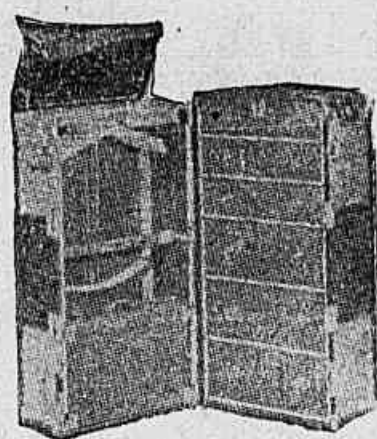
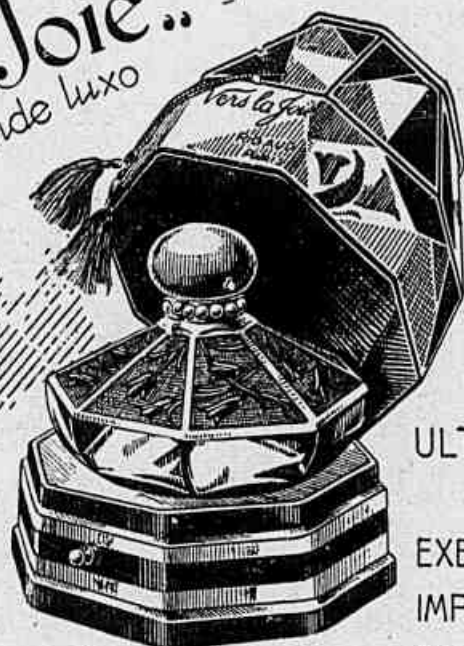
Cinearte

PROGRAMMA SERRADOR Nº
APRESENTA
ERICH VON STROHEIM
EM
7
O GRANDE
GABBO
COM
BETTY
COMPSON
sob a direcção de
JAMES CRUZE
Uma historia verdadeira, contada em meio de scenas maravilhosas não faltando alguns momentos passados no theatro — onde apparecem cerca de 500 GIRLS — com uma orchestra de 120 professores!
Film fallado com lettreiros em portuguez. — Cantado, bailado e colorido.
Em exhibição no PALACIO da
Companhia Brasil Cinematographica
Programma Serrador C.B.C.

A 4 de maio, estreou, em Broadway, o ultimo film de S. M. Eisenstein, *Old and New*. Distribuindo, como sempre, pela Amkino.

For the Defense, da Paramount, reune William Powell e Kay Francis no elenco. O scenario é de Charles Furthman. A direcção, de John Cromwell.

UM ROMANCE QUE É UM FILM

Edição da Companhia Editora Nacional

S Ã O P A U L O

EM TODAS AS LIVRARIAS

5$000

O EXEMPLAR

NOVIDADES PARA 1930

FIGURINOS

Paris Elegante — Um dos melhores jornaes de modas, com lindos contos e paginas coloridas.

La Femme Chic — Trazendo as ultimas creações, com varias paginas a côres.

Chic Parisienne — Creação das melhores casas de Paris, Vienna, etc. Innumeras paginas com modelos coloridos.

La Mode Parisienne — Figurino de grande formato, trazendo uma folha de riscos para cortar moldes.

Modas y Pasatiempos — Bom figurino, apesar do seu baixo preço. Traz folha de riscos para cortar moldes, riscos para bordados, arranjos de casa, etc.

Record — Lindo figurino, de pequeno formato, colorido, com folha de riscos para cortar 4 moldes para senhoras e 1 para creança.

Revue des Modes — Figurino de pequeno formato, com varias paginas a côres, trazendo folha de riscos para moldes.

Weldon's L. Journal — Com moldes cortados dos modelos da capa, trazendo a descripção dos modelos em varios idiomas, inclusive o portuguez.

Paris Mode—Edition Gaston Drouet, de Paris — com varias paginas coloridas, trazendo um molde cortado.

ALBUNS DE GRANDE FORMATO PARA VERÃO — 1930

Saison Parisienne — **Revue Parisienne** — **Grande Revue des Modes** — **Toute La Mode**, création Gaston Drouet, com lindos modelos — **Album Pratique de La Mode** — **La Mode de l'Eté** — **La Parisienne** — **Les Patrons Favoris** — **Juno Astra** — **Juno Esplendid** — **Fashion Quartely** — **Butterick Quartely** — **Weldon's Catalogo Fashion** — **L'Elégance Fémine**, lindo album todo colorido.

FIGURINOS PARA CREANÇAS

Weldon's Children's, com moldes cortados — **Paris Enfant** — **Les enfants de la Femme Chic** — **Enfant Juno** — **Jeunesse Parisienne** — **La Mode Infantile**—**Enfants des Jardins des Modes**—**Star Enfant**, com lindos modelos para a estação.

FIGURINOS PARA ROUPAS BRANCAS

Lingerie des Jardins des Modes — **Lingerie Elégant** — **Lingerie de Juno** — **Lingerie de La Femme Chic**, etc.

Nossos amaveis freguezes poderão honrar-nos com o prazer de sua visita, pois, além destes, possuimos innumeros outros jornaes de modas, sendo impossivel enumeral-os todos. Grandes sortimentos de jornaes para bordados. Albuns para filet, tricot, crochet. Modèles des Ouvrages, etc. Apesar do grande augmento soffrido em quasi todas as publicações estrangeiras, continuamos a vender o nosso artigo pelos preços antigos.

ULTIMAS NOVIDADES EM LITERATURA

FRANCEZA — Maurice Barrès, **Un jardin sur L'oront**; Ernesto Perochon, **Les Creux des maisons**; Georges Sim, **La Femme qui Tuo**; Maurice Barrès, **Mes cahiers**; Alexandre David, Noel — **Mystiques et Magiciens du Tibet**; Octave Honberg, **L'Ecole des colonies**; etc. **Collection La Liseuse**, temos todas as obras publicadas.

HESPANHOLA — V. Stefansson, **Un año entre esquimales**; Antonio Espina, **Luiz Candelas, el bandido de Madrid**; Pierre Loti, **Pekin**; Juan Zorilla, **Los principes de la literatura, La mode Siglos XIX-XX**; Martins Gusman, **La sombra del candilo**; Gerhard Rohlfs, **Através del Sahara**; etc., etc.

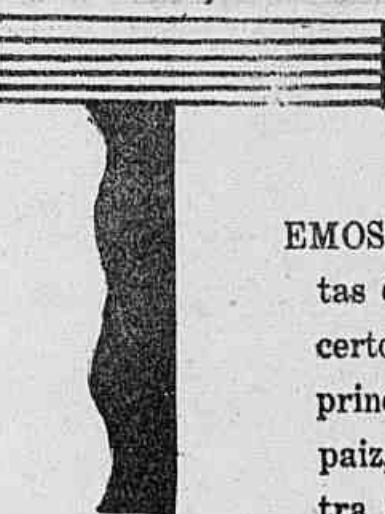
PORTUGUEZA — Orlando Rego, **Manual do Charadista**; Britto Pereira, **Contabilidade de conta corrente**; Alice Leonardos S. Lima, **Ouvindo Estrellas**; Malba Tahan, **Lendas do Deserto**; Ardel, **Coração de Sceptico**; Claudio de Souza, **De Paris ao Oriente**; Peregrino Junior, **Pussanga**; G. Acremente, **Serracena**; Jugurtha C. Branco, **O Brasil em Cuecas**; Cervantes, **D. Quixote de la Mancha**, obra de grande vulto, com illustrações de Doré. Publicados 1º e 2º fasciculos. **Historia da Literatura Portugueza**, publicada sob a direcção de Albino Forjaz Sampaio. Publicado o 1º volume.

A correspondencia do interior deve vir acompanhada do sello para a resposta e dirigida directamente á

CASA BRAZ LAURIA

RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone 3-5018 Rio de Janeiro

Paramount Pictures
Brevemente no
CAPITOLIO
do Rio de Janeiro
e no Cine
Paramount
de São Paulo
O Rei Vagabundo
com DENNIS KING, JEANETTE Mac. DONALD e LILLIAN ROTH
O film dos films de 1930
Cantado e falado, todo em cores naturaes, com titulos em Portuguez.
1225-337

TEMOS continuado a receber cartas dos nossos leitores, tanto de certos bairros desta cidade como principalmente do interior do paiz, portadoras de queixas contra os programmas a que estão sujeitos os frequentadores de cinemas com os actuaes programmas.

Que podemos nós fazer em face de uma situação creada pelo film sonóro, que modificou inteiramente a politica de producção das maiores fabricas existentes no universo?

Ainda a semana que findou appareceu um film dialogado em allemão.

Se o inglez já é idioma quasi desconhecido entre nós, que se dirá do tudesco?

A não ser uma pequena parcella da classe mais culta, essa lingua nem é objecto de cogitações.

A producção intellectual germanica, literaria ou scientifica, em geral só a conhecemos atravez das traducções, franceza e hespanhola principalmente.

E' por intermedio do traductor que nos são familiares os grandes nomes representativos da cultura allemã.

A prova ahi a temos nas estatisticas de consultá das nossas bibliothecas que os jornaes divulgam mensalmente. Não temos na maior dellas — a Nacional — *senão um leitor por dia* que procura livros em allemão. Já para os inglezes o algarismo avulta — são cinco os leitores diarios de livros inglezes, no original; dos francezes sóbem a quarenta e cinco.

Essa estatistica demonstra a familiaridade do nosso publico com alheios idiomas.

Verdade é, e isso mostra como o inglez vae fazendo caminho, que ha uns cinco annos essa lingua não tinha mais leitores que hoje tem o allemão.

E não erramos certo se attribuirmos em grande de parte ao influxo do cinema o gosto que se vae diffundindo pelo estudo do inglez. Muita gente conhecemos que só aprendeu essa lingua *para ler revistas de cinema*. Mas, voltando ao assumpto a principio abordado, temos que confessar que, dando toda a razão aos que se queixam da pobreza dos programmas, em face daquelles a que já se iam habituando, no aureo periodo do film silencioso, não vemos como se possa modificar essa situação dada a insignificancia da producção dessa modalidade de films, sabendo-se como se sabe que os productores de maior consideração já não mais com elles se preoccupam, antes buscam expandir mais e mais a dos sonóros. Haja vista a programmação publica das grandes empresas *yankees*, porque das outras não nos virá remedio. Annuncia-se para consolo daquelles que se insurgem contra o film falado em idioma britannico que em breve teremos uma perfeita traducção dos mesmos para o hespanhol. O hespanhol é parecido, mas não é nosso idioma.

Contar com films em portuguez para uso apenas do Brasil e Portugal, é buscar illusões. A lingua hespanhola é falada por todas as nações americanas, com excepção do Brasil e dos Estados Unidos, se deixarmos à parte o Haiti, onde se arranha um francez meio suspeito. Conta, pois, o hespanhol mais que o portuguez nos escriptorios dos productores — e é natural. Havana e Buenos Aires pesam mais do que o Rio de Janeiro e Lisboa. Teremos pois, em materia de film sonóro, de nos contentar com os originaes em inglez ou com os traduzidos para o hespanhol.

ANNO V
NUM. 229
16 DE JULHO DE
— 1930 —

A menos que não façamos por nós, e não incrementemos a producção do film brasileiro, tanto sonóro como silencioso, para servir tanto ás grandes cidades, já providas de apparelhamento cinematographico proprio como os pequenos nucleos de povoações que, por muito tempo, ainda se verão deste privadas.

Essa é que deve ser a nossa politica.

Para conseguir transformar em risonha realidade isso, que a muitos se afigura um sonho ainda — mesmo quando as realizações ahi estão a mostrar como é facil, a gente decidida e animada por fé que nada consegue esmorecer, conseguir arrancar do nada cousa de ponderação — o que se faz mistér é que se unam todos os esforços tendentes a um unico escopo; energias dispersas perdem-se e tem sido esta uma das causas de não estarmos mais proximos do triumpho final.

A cinematographia póde ser no Brasil uma grande industria.

Basta para isso o criterio a presidir-lhe a orientação, a seriedade na gestão financeira, evitando os erros que têm feito naufragar tantas tentativas, creando com isso outros tantos embaraços a novas. Esse deve ser o nosso trabalho. Em vez de nos consumirmos em queixas contra a producção alheia, buscarmos dentro de casa realizar as nossas. E para isso todos os sacrificios são justificaveis.

Lelita Rosa e Didi Viana ,numa scena de "Labios sem Beijos" da Cinédia.

Cinema Brasileiro

Não vamos discutir aqui, como já uma vez dissémos, o ponto de vista artistico do Cinema falado. Nem as suas vantagens e deffeitos. A opinião particular de quem escreve estas linhas, por exemplo, é que a linguagem do verdadeiro Cinema é a das imagens. E a unica voz concegivel, a musica. O film tambem deveria ser em branco e preto. Mas se o publico preferir o colorido, com todos os Cavallos azues de *Deuses Vencidos,* não se discute. Deve-se, procurar, entretanto, educar o gosto do publico. Não vamos chegar ao caso de produzir borracheiras porque são de maior bilheteria. Mas tambem, é impossivel a producção de um trabalho artistico e intellectual absoluto. No Cinema Brasileiro, não estamos apenas fazendo mais um film. Estamos formando uma industria. Para isso, precisamos de lucros. Para obtel-os, precisamos do agrado do publico. E para angarial-o, dependemos da publicidade, popularidade e successo. O publico, seja elle de que classe fôr, vae ao Cinema para distrair-se, divertir-se. Elle quer o *entertainment.* Rarissimos são os que vão para instruir-se ou a procura de Cinema absoluto. Demais, o publico, rico ou pobre, feliz ou infeliz, vae ao Cinema para sonhar. Todo o mundo gosta de ir ao Cinema para vestir a pelle de uma das personagens e sonhar um pouco de vida differente. Imaginar-se dentro das mesmas sensações daquellas figuras que se movem na téla. A maior parte que sentir-se bem. Quer ver gente bem vestida. Um pouco de amor sincero e leal... Imaginar corações bons e caracteres rectos... Satisfazer-se com o triumpho da virtude, na scena final. O Cinema falado chegou. Não vamos discutir, repetimos, se é arte, uma estatua de Venus colorida com um despertador dentro do peito para sonorisar o bater de um coração. Quantas vezes a gente olha uma photographia, branca e preta, quiéta, calada, que nos diz tanta cousa... Que conversa com a gente. Conta as suas alegrias e as suas amarguras. O Cinema falado ficou porque era *entertainment.* Em todos os films ha musica adequada como nunca nos deu as orchestras, canções e dansa. Quem não gosta de ouvir uma bôa canção? No Cinema as canções são apresentadas com um ambiente preparado e o momento estudado. Se nós ouvissemos o *Mi Amado* apenas numa victrola, achariamos muito bonito, não ha duvida. Mas no film quando ouvimos Lupe Velez cantar, conhecemos o seu sentimento. A situação em que ella se acha. A figura do *amado* que é Gary Cooper. Ahi gostamos muito mais. Tem assim vencido os films com canções e numeros de revistas. E todas as personagens agora, são musicos, tenores, dansarinos e exhibem as suas habilidades por qualquer motivo ou sem motivo algum. Se o publico as vezes não gosta, não faz mal. As palmas, os applausos, já estão impressos no film ou no disco...

O publico quer ouvir qualquer barulho. Todo mundo dizia que os artistas eram *mudos* e agora elles falam! Que interessante! Ouve-se o estrallar de uns ovos e o som de um garfo que bate num prato! Que cousa curiosa! Como é que se faz isso?

Mas já os films apenas dialogados e sonoros, sem canções e numeros de revistas, perdida a novidade do phenomeno do som, vão fazendo menos successo. Falados, o publico não entende. As versões *mudas* estão detestaveis, principalmente porque estão photographando peças theatraes, sem subentendimento e suggestão alguma. Como, em geral, estão fazendo, possuindo os aparelhos, é até mais facil fazer film falado. No Cinema silencioso, tinhamos que contar a historia com as imagens, com a collocação das scenas, sophismando, subentendendo e principalmente suggerindo. O Cinema silencioso suggere as cousas mais lindas, mais formidaveis, pelos olhos. Por acaso a musica deixa de ser a grande arte que é, só porque apenas suggere pelo ouvido?

Com o Cinema falado estão fazendo scenas que duram uma parte inteira, sem ao menos, a machina sahir do lugar. Estão formando situações e contando a historia

com os dialogos. Fazendo mesmo alguma personagem do povo, falando com emphase e muita litteratura nas suas phrases. O Cinema, embora falado, deve ser feito com Cinema. E' preciso saber Cinema, mais do que nunca, para fazer Cinema falado. A acção é que deve formar situações e contar a historia. Os dialogos têm que ser como que apenas os letreiros.

E' por isso que *Alvorada de Amor* agradou. Porque já se approxima muito desta technica. Nós comprehendemos logo o Cinema silencioso e delle temos mais noções que os europeus, digam o que disserem... Falta-nos apenas mais actividade para termos mais opportunidade de provar isso. Tambem já sabemos a technica a ser usada com o Cinema falado. Falta-nos os apparelhamentos. Mas ahi é que entra um dos casos que sempre dissemos. Não é uma questão de dinheiro. E' que Cinema Brasileiro é um Cinema differente de todos. Não é uma questão de technica nem escola, mas ambiente e recursos. Temos que collocar toda e qualquer inniciativa dentro dos nossos re cursos, do nosso mercado. Nós nunca sonhamos com um Cinema faustoso com artistas a ganhar cem contos por semana. Artista, nosso, nunca chegará a ganhar a decima parte. Só daqui ha alguns annos, quando o Brasil tiver mais população e mais Cinemas, porque o mercado externo depende do feitio dos nossos films e de mil e um outros detalhes.

Temos dinheiro para comprar apparelhos, mas teremos para sustental-os? Comprar um automovel é facil, mas sustental-o é que é difficil. Demais, não podemos nos sujeitar a *royalties*, exigencias de exclusividade, etc. Nem queremos engenheiros que venham para aqui ganhar conto de reis por semana para fumar cigarros. Nós mesmos temos que manejar os nossos apparelhos. Não sonhamos e nem precisamos ter um Cinema para subjugar os americanos, mas poderemos ter um Cinema interessante, agradavel que dê lucros compensadores e, sobretudo, independente.

Temos que ter companhias productoras, distribuidoras e Cinemas brasileiros.

O grande trabalho de propaganda do nosso Cinema, vae ser para dentro do Brasil mesmo. Temos que nos conhecer. Temos que nos admirar. Temos mil e um problemas a tratar e que o Cinema, com a sua diffusão, e o seu poder de convicção poderá resolver. Já se disse muito sobre Cinema Brasileiro e Cinema falado. Mas muito ha ainda a dizer. Devemos fazer os nossos films falar, mas na nossa opinião, em varios trechos, apenas. Para formar, ao menos, a cabeça de linha. Mas os pequenos exhibidores ahi por todo o Brasil espalhados é que são os mais importantes para a realização dos beneficios que o nosso Cinema poderá prestar ao paiz. O Cinema Brasilei-

(Termina no fim do numero).

Crizetta Moreno e Emilio Dumas numa scena de "Eufemia" da Internacional Film de S. Paulo.

Fred Junior apparece em "O destino das rosas" da Spia Film de Recife.

Uma scena de "Evitando o perigo" da Ita Film do Rio com Manoel Araujo.

Voltando de uma "locação" para filmagem de "No Scenario da Vida" da Liberdade Film de Recife.

Carlos Eduardo é o villão de "Degrão da Vida" da Agra Film

(Photo Febus)

Aproveitando uma montagem para maquillar-se.

O Verdadeiro

Quando fomos apresentados a Paulo Morano, elle era trocista. Estende u-nos a mão. Tirou-a, "a la" William Haines... Deu-nos dois tapinhas na barriga. Apontou-nos a mancha da gravata e ergueu-nos o nariz. E, em minutos, já tomava liberdade de annos e annos de camaradagem...

Com outros, a gente zangaria.

Mas quem é que se zanga com Paulo Morano?...

Hoje, conhecemos Paulo Morano bem melhor.

Comprehendemos o seu espirito jocoso. Sempre disposto e camarada. E sabemos que é, apenas, a mascara com a qual elle disfarça toda a bondade e toda a nobreza do seu coração

Já o comprehendemos como folgazão. Contador de anecdotas. Gosador da vida. Conquistador... Cheio de numeros de telephones e de endereços. De Ruths, Gildas e Marias... Todo um elenco. Variadissimo.

Mais tarde, comprehendemol-o como amigo. Dedicado. Esforçado. Sincero. Tudo fazendo pelo Cinema Brasileiro, que apenas conhecia, com todo ardor daquelles que já se dedicavam, por esse officio, desde o berço. Foi quando o vimos auxiliando as filmagens de "Barro Humano". Para as quaes prestou inestimaveis serviços.

Chegou, depois, o momento de vermos a sorte de filho que elle é. Melhor irmão e revelando, alma aberta, toda a sua bondade. Que não reside somente na franqueza das suas acções. Mas, principalmente, na singeleza das suas attitudes distinctas e nobres.

Depois, finalmente, o Paulo Morano coração. Cousa que ninguem crê. Porque pensam que elle é, apenas, o moço moderno. Estroina e vulgar. Sem alma. Sem sentimentos. Mas como se illudem!... Paulo Morano é, bem, o irmão mais velho da gente. Aquelle ao qual recorremos nos momentos de apuro. Aquelle que nos conforta. Nos anima. Nos enche de nova vida e nos auxilia a acertar, de novo, pela vida afóra, os passos que já se faziam tropegos..

E, um dia... Elle me contou uma historia bonita. Era o Paulo Morano sentimento... Uma historia que era mais do que a amisade enorme que dedica ao seu maior amigo. Maior do que a estima que tem aos seus companheiros. Era o seu unico caso de amor...

A sua sinceridade. A sua sympathia. Aquelle seu todo desageitado e moderno. Não indicam, absolutamente, o que elle verdadeiramente é. O que elle é, sabem-no apenas os que o estimam. E os que tiveram, delle, provas insophismaveis da sua dedicação unica.

Casos difficeis. De solução apparentemente insoluvel. Resoluções rapidas, violentas. Tudo é com Paulo Morano. Elle tem uma visão clara e nitida e uma acção rapida e segura. Consegue o seu desiteratum, custe o que custar. E faz aquillo que lhe pediram. Para servir um amigo, é capaz de sacrificar até sua propria vida!

Homem moderno, não perde um minuto do seu tempo. Quando faz, com o Gonzaga, as suas visitas, não as perde. Emquanto os outros discutem Cinema. Conversam sobre isto ou aquillo. Paulo Morano já está fazendo outras visitas. E, ao cabo de uma hora, volta, afobado.

Numa scena de "Labios sem Beijos" com Lelita Rosa.

PAULO

Durante a filmagem de "Barro Humano", Paulo Morano era o Francisco Barretto dos "props" e segurava rebatedor de luz.

Durante a filmagem de "Labios sem Beijos", com Lelita Rosa.

Paulo Morano foi um "extra" em "Sangue Mineiro"... Viram?

Hoje, todos, acham que elle é um galã differente. Totalmente differente de todos os outros. E até, mesmo, dos proprios galãs norte-americanos. Porque, além de esplendidamente photogenico. E de se ter revelado sincero, no seu desempenho, ainda tem uma grande qualidade. Carrega moveis ás costas, quando não filma, para auxiliar as montagens dos internos. Applica seus musculos poderosos em toda sorte, de prestimos. E gasta toda a sua melhor actividade em comprar mais barato isto. Arranjar mais depressa aquillo. Facilitar, logo, qualquer difficuldade. Conseguir *extras*. Arranjar licenças. E, emfim, elle, sozinho, é galã. E' carpinteiro. E' ferreiro. E' *property man*. E' electricista. E' photographo e, se duvidarem, até *cameramen* é capa de ser...

Accrescente-se, ainda, que elle faz tudo isto bem humorado. A's vezes, cançado, com dôr de cabeça. Derrotado pelo excesso de trabalhos, ouve uma bôa anecdota e ri, satisfeito, como se acabasse de sahir de uma sala de recepções...

— O que ha?

— Nada! Imagine que eu estava conversando com a Ruth...

— Já sei!

— Sabe o que?

— Veio a Maria, e, prompto! fechou-se o tempo, não é?

Elle nem responde... Qualquer um pode ser advinho nos seus casos.

—oOo—

Ha dias, conversamos longamente com Paulo Morano. Aqui vae um pouco da sua prosa. Conversada, entre dois cafés e, ainda, no meio de toda a sua nervosidade unica.

Antes de a iniciar, ainda quero salientar um facto. Que ninguem o comprehendia como artista de Cinema. Achavam, mesmo, que seria o maior dos contra-sensos. Isto, sem duvida, porque todos viam, nelle, o Paulo Morano amigo. Sempre livre e desembaraçado. Sempre alegre e expansivo. Não o comprehendiam. Pelas sua theorias avançadas... Como herói de uma scena que fosse. De romantismo e paixão...

Gonzaga o escolheu para galã da primeira versão de *Labios sem Beijos*. Em poucas scenas e em poucos *stills*. Paulo Morano revelou ser esplendidamente photogenico. E perfeitamente agradavel ao publico. Foi por isso que, quando se deu a mudança do elenco, permaneceu elle no seu posto, para entrar em scenas, dirigido por Humberto Mauro.

Uma das grandes qualidades de Paulo Morano, como auxiliar de filmagens, indepente do seu cargo de galã, é ser excellente preparador de *lunch*... Depois, extremamente zeloso pelos cofres da sua Companhia, arranja *lunchs* tão baratos que até assustam...

Paulo Morano nunca se deixou enlevar pela sua posição no film e nem, ainda, pela sympathia do publico. Tambem nunca se envaideceu com os *fans*. Ao contrario. Estima o publico E quer extremamente bem os *fans*. Guarda com carinho todas as cartas que lhe são enviadas. E nunca se esquece de quem quer que seja que se lembre delle, enviando-lhe uma missiva e pedindo-lhe uma photographia.

Vaidade, nunca teve. O seu espirito é simples, desprentencioso. Encara a sympathia com que o recebem, como uma cousa occasional. E não, absolutamente, como cousa que o torna vaidoso. Mas, apesar disso, é um bom amigo dos seus *fans* e os tem, sempre, na melhor conta e na melhor consideração. Elle já nos tem mostrado algumas das suas cartas. As moças que lhe escrevem, todas, acham-no, é logico, o typo que mais admiram, no Cinema Brasileiro. Mas, embora muitas dellas se mostrem apaixonadas, mesmo, nas linhas que escrevem, elle recebe aquellas palavras, apenas como palavras de conforto, confiança e estimulo.

As idéas de Paulo Morano, aqui estão. Não as procuro concatenar, em ordem logica. Vão, como vieram. Em *cocktail*. Fructo legitimo de uma prosa expontanea, arrancada, toda ella, do intimo do seu coração e dita, toda ella, com a maior sinceridade.

—oOo—

Uma das primeiras perguntas que lhe fizemos, foi sobre o amor. Perguntamos-lhe o que pensava delle...

— E' um mysterio. Não o devemos desvendar... Devemos adoral-o, sempre, como os selvagens adoram um *Tupan* que desconhecem. Mas que sabem existir e por isso temem e respeitam... E' tão sorrateiro. Tão subtil. Tão incomprehensivel...

—E das mulheres? O que pensa dellas?

— São a razão de tudo. Vivem no nosso pensamento. Não nos deixam. Amamos a mulher, desde o berço. E, depois, vamos adorando-a, pela vida afóra, até que alguma, mais piedosa, nos feche as palpebras cançadas, nos instante derradeiro... Que tal? Bonito, não? Palavra, meu amigo, já não me lembro aonde foi que li isto... Mas garanto-lhe que a mulher... a mulher... é a mulher!

(Termina no fim do numero)

Vozes do "MAMMY"

"FILM" WARNER BROTHERS

FULLER	*AL JOLSON*
NORA	*LOIS MORAN*
WESTY	*LOWELL SHERMAN*
A mãe de FULLER	*LOUISE DRESSER*
MEADWS	*HOBART BOSWORTH*

Bohemio, perdido entre bohemios FULLER levava a vida cantando. Hoje neste povoado risonho, amanhã ńaquelle logarejo triste, palmilhando aquella região da America, elle e os seus companheiros de sorte cumpriam o seu destino!... O sol, o mais forte, os temporaes, os mais tremendos não lhes impedia a adoravel actividade. E foi assim nessa cruzada de alegria, cantando para conter, talvez, as lagrimas de tanta gente que chorava, que elles entraram naquelle povoado puxados pela sua barulhenta banda de musica sob o castigo impiedoso da chuva, dizendo:

— Respeitavel publico!... Nem toda esta chuva será capaz de desmaiar o sorriso deste famoso bando de menestreis!... Começa, logo o chefe do grupo enções de alegria do publico, reunido em torno delles, a apresentar os companheiros: Aqui é HANK SMITH... Este é WESTY e aquelle, FULLER, o rei dos menestreis!... FULLER apresenta-se. E começa logo a tomar conta da multidão, dizendo:

— A chuva tambem faz brotar tudo da terra... mas isto é perigoso porque eu tenho uma sogra enterrada!...

Mas toda essa alegria e todo esse immenso bom humor eram só para uso externo, para bem impressionar a multidão porque, em verdade a *companhia* atravessava uma crise tremenda! Em pouco tempo já havia desertado uma dezena de figurantes... E agora outros ameaçavam a desligar-se, procurando uma *companhia* melhor!... E foi por isso que na noite da estréa, naquella aldeiola, MEADOWS, o director da empresa, se encheu de sustos vendo o delegado na primeira fila acompanhando o espectaculo com interesse!... De tal modo MEADOWS se amedrontou, certo de que a autoridade ia apprehender-lhe o material por conta das dividas contrahidas nas cidadesinhas por que passara antes que mal findou o espectaculo foi arrumando tudo e [illegible] ordem de partida! Nesse transe, como, aliás, em todos os transes amargos porque passavam os menestreis, FULLER foi incumbido de entreter o delegado emquanto a companhia se aprestava para partir... E ao contrario do que esperava FULLER, o delegado não queria prender a companhia, queria, sim, prender-se a elle, com todos os seus dollares, que não eram poucos e a sua voz de barytono que elle dizia não ser má...

—oOo—

Na vida tão accidentada dos menestreis havia, entretanto, o perfume delicioso do sorriso de uma mulher... E' que o velho MEADOWS conservava ao seu lado, naquella peregrinação infatigavel e incessante, a sua filha NORA, uma linda creatura, cujo coração e cujos mais doces sorrisos pertenciam a WESTY, uma das mais graduadas figuras da *companhia*. Mas se é certo que ella amava perdidamente a WESTY é certo tambem que este, embora gostando della, não perdia, nunca, a sua opportunidade de cortejar quantas se lhe approximassem. E, é certo tambem, que sem NORA saber, FULLER a queria loucamente, escondendo o seu immenso amor por ser amigo de WESTY...

—oOo—

FULLER, o bohemio inveterado que só procurava fazer o Bem e que jamais acolhera ao coração um sentimento mau tinha um caracteristico sobremodo inconfundivel: o seu amor materno. A imagem adorada da mãe, aquelle vulto adoravel de mulher que é, na vida de todos nós a consolação suprema para elle era sagrada. De longe, por onde quer que fosse parar elle não esquecia a mãesinha querida, enviando-lhe pontual-

maiores saudades todas as suas economias!... Quando passava pela cidadesinha pobre mas bonita onde a mãesinha bôa fixara residencia — elle e ella viviam a festa immensa da felicidade de se encontrarem e de se estreitarem, um no braço do outro!...

—oOo—

O numero de maior successo que a *companhia* representava era o feito por FULLER e WESTY. Um começava a lamentar-se, a falar mal da vida, da carestia e dos homens. O outro ironizava. E FULLER, então, com a mais surprehendente calma deste mundo, puxava de um revolver e desfechava um "tiro", que era de polvora secca, está claro, no outro; WESTY cahia "ferido". E entre uma sentença do "criminoso" e os applausos da multidão se encerrava o espectaculo...

—oOo—

Uma noite FULLER, depois de ter procurado enciumar WESTY, fingindo que beijava NORA, na esperança delle corrigir-se e dar-lhe a attenção e o tratamento que ella merecia, começou a beber até que, embriagado, foi cahir nas mãos de HANK SMITH, um dos menestreis, jogador de pessimo caracter... E dez minutos, nem mais bastaram para HANK SMITH "limpar-lhe" as algibeiras só não lhe arrancando mais porque WESTY appareceu e o arrancou dali... Com grande difficuldade e depois de calorosa discussão, ouvida por toda gente, WESTY conseguiu que FULLER deitasse e dormisse... E só quando o viu dormindo mesmo, que WESTY procurou HANK SMITH, exprobando-lhe a conducta e exigindo-lhe que dali se retirasse para sempre pois era indigno do convivio dos menestreis. HANK, cheio de odio, deixou WESTY, correndo ao camarim de FULLER, já disposto a preparar a maldade tremenda da sua tremenda vingança. Substituindo as balas de polvora secca do revolver com que FULLER desempenhava o seu melhor numero, por balas mortiferas, isso sem que ninguem visse, HANK partiu, certo de que... consumaria a sua vingança sem deixar o mais leve vestigio do seu crime...

Logo com o dia seguinte chegou novo espectaculo e aquelle numero que vinha trazer, sem que elles soubessem, tanta desgraça para os menestreis. Começou a farça e no momento preciso FULLER descarregou o revolver sobre WESTY!... Este recebendo a bala em pleno peito, rodou nos calcanhares e tombou pesadamente. FULLER, preso de ancias, soffrego, tremulo, vendo que o amigo não se

CORAÇÃO

levantava avançou cheio de duvidas, duvidas que se desfizeram quando notou que um fillete, muito tenue, de sangue, lhe escorria do canto da bocca...

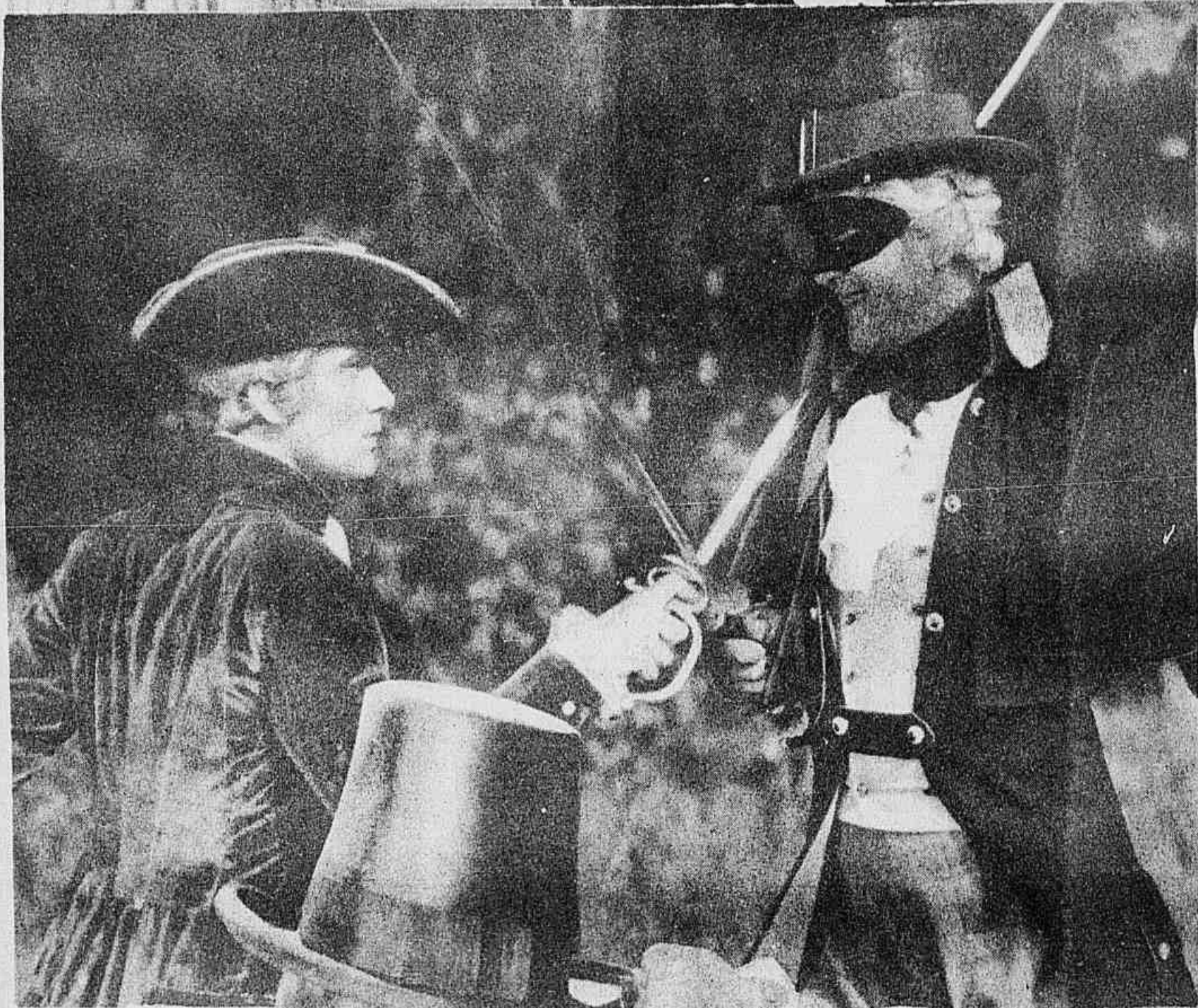
—oOo—

Preso, logo, pediu para que o deixassem ainda entrar em scena para fazer o outro numero. Fel-o e, levado para o carcere, depois, de novo pediu que o levassem face a face ao ferido que elle, certamente, mostraria todo o seu pesar ao acontecido sem animar odios contra elle! Mas aquella discussão que tinham travado na vespera e o amor que FULLER consagrava a NORA, veladamente sim, mas já do conhecimento de todos — eram convicentes de mais. Desse modo o proprio WESTY, recebeu-o mal no seu leito de dôr. Só a meiga e doce NORA é que jurou não acreditar tivesse FULLER ferido o amigo, propositadamente! Podia ser o que fosse — só não era verdade que elle tentara matal-o!... E isso mesmo ella lhe disse entre beijos quando os agentes de policia o conduziam, de novo, para as grades...

—oOo—

FULLER ao ser conduzido para o carcere, favorecido por um accidente, conseguiu fugir. E o seu primeiro pensamento foi correr para os braços da sua mãesinha querida tão bôa, tão santa e tão longe!... Ageitando-se entre as ferragens de um trem elle partiu ao encontro da velhinha querida para envolvel-a nos seus mais puros beijos e partir depois de despedida tocante, para outras terras, na

ansia de livrar-se do castigo que lhe queriam dar pelo crime que não commettera!... E cahindo nos braços da velhinha bôa que desfiou sobre elle as doces lagrimas de sua saudade e as da sua ternura contou-lhe uma historia mentirosa para justificar a sua longa ausencia!... Tres annos no Mexico e depois na Europa numa tournée de arte!... E de lá lhe mandaria sempre dinheiro, muito dinheiro com os seus beijos todos!... A senhora FULLER, enternecida, pediu ao filho que cantasse aquella canção que lhe ensinara quando elle estava ainda na mais tenra idade: "Para a minha mãe" (To my mammy) E FULLER cantou, a alma cheia de amargura, a voz cheia de emoção... Mas urgia partir; o trem apitava, na estação,

(Termina no fim do numero).

SCENAS DO FILM "SWEETIE KITTY BELLAIRS" COM WALTER PIDGEON, ERNEST TORRENCE E OUTROS...

A VERDADE SOBRE John Gilbert

MAIS do que nunca. Agora. Faz-se necessario. Um commentario desinteressado e impessoal, sobre o caso tão discutido e tão mal comprehendido. De John Gilbert.

Os factos da sua vida particular. De artista. E de homem. Têm-no collocado, ultimamente, entre as figuras de mais destaque, no Cinema.

Os "fans". Que, ha annos, admiravam-no e applaudiam-no, como artista. E que o fizeram "astro" de primeira grandeza, depois. Têm, agora, o direito de conhecer factos authenticos do seu caracter. Do seu procedimento pessoal, em certos recentes acontecimentos. E, tambem, dos seus planos, para o futuro.

Estes factos. Para terem narração verdadeira, precisavam ser contados por alguem que o conhecesse, intimamente. E que tambem conheça a necessidade do seu recente casamento. O desastre dos seus films falados. E o seu famoso accesso de murros, com Jim Tully, autor de varios romances e de um commentario desairoso sobre a origem delle, Jack.

John Gilbert, propriamente, anda extremamente callado, nestes ultimos tempos. Póde ser que essa attitude seja exacta. Mas é difficil. Principalmente, considerando-se que elle sempre foi um homem que se convenceu da necessidade de uma esplicação razoavel.

Accredito, no emtanto, que podemos lhes contar a razão do seu silencio...

Ainda é lembrado, pelos amantes do rugby, uma celebre partida. Disputada entre tre California e Georgia Tech. Em que um rapaz, de nome Roy Reigels, teve a infelicidade de correr contra o seu proprio team e dar ao adversario o touchdown da victoria...

Pois bem. Lembro-me que, nesse mesmo dia, sahiamos do jogo e nos encontramos com John Gilbert. Elle ainda tinha o enthusiasmo do jogo e discutia-o. Depois, quando falamos no celebre acontecimento. Disse-me elle, sincero. — O que póde elle dizer? O pobre rapaz já tentou mil vezes explicar o que lhe aconteceu. A tonteira de que ficou possuido. A influencia dos gritos. E a loucura que se apoderou delle, quando fez aquella corrida errada. Foi um accidente, tenho disso a plena convicção. Mas elles o estão julgando. Tudo que elle diga, coitado, servirá sempre de accusação contra elle proprio... De que adianta elle se defender? Tudo quanto elle affirme, nada mais será do que um accrescimo de comicidade ao seu ridiculo... A unica cousa que elle póde pedir e ver se lhe dão. E' uma outra opportunidade de se mostrar capaz. E, depois que fizer tudo direitinho, explicar-se do passado... Foi isso que John Gilbert disse de Roy Reigels. Pois bem. No anno seguinte, Roy Reigels subiu. Foi nomeado capitão do quadro da Universidade da California. E, no jogo capital, procedeu de tal forma. Com tamanho brilho. Que não só justificou o seu pavoroso fracasso. Como, ainda e principalmente, fez-se um dos maiores e mais populares nomes de todos os jogadores do popular sport norte-americano.

Assim, mais ou menos, é o caso de Jack. Os amigos delle. E elle não os tem em pequena quantidade... Convenceram-no, afinal, de que acções valem mais do que palavras. E, assim, elle está agindo. E, por isso, John tem caprichado nos seus estudos vocaes. Para poder se apresentar com um soberbo film falado. Que resgate o seu insuccesso pavoroso, no primeiro film. E que, afinal, nada mais era do que, o fructo da força do productor inconsciente que, forçando-o a representar, quando ainda não se achava preparado. Conseguiu anniquilal-o e fazel-o até ridiculo diante do seu publico...

Assim, o anno passado, John correu com a bóla contra o goal do seu proprio successo e poz-se ridiculo, diante dos seus amigos e do seu publico. Agora, está elle como captain da equipe da esperança e vae luctar, de novo, para mostrar do que é capaz uma vontade de ferro, como a sua.

Ha um consolo, para elle. Não foi só elle um "astro" que fracassou nos primeiros esforços fallados. Gloria Swanson naufragou, com a versão fallada que estava fazendo de *Queen Kelly*. Teve, porém, a sorte de o poder deter, antes do publico ver e julgar. E, assim, com mais cuidado, apresentou-se em "Tudo pelo Amor" e fez successo.

Nos ultimos mezes, porém, ha qualquer cousa que trama contra a felicidade de John. Além disso, pela sua figura, as menores cousas que faça, criam vulto. E, assim, alvo de tamanhas attenções. Tudo, para elle, é perigoso de fazer e realizar...

Na extenção da palavra, toda, elle continúa sendo o mesmo

(Termina no fim do numero)

Coquette

Ella era voluvel. Namoradeira e frivola... Coquette...

Naquella villa, aonde moravam, Norma era conhecidissima. Os rapazes, todos, a queriam muito bem. Disputavam, mesmo, a primazia dos seus olhares. Dos seus sorrisos. Das suas contradias de festas... Mas... todo mas... Havia, nesse todo, um não sei que que peitada. E querida! F a dos. Muito embora uns Que, impiedosos, commen volubilidade. Outros, em sação. Entre elles Stanley

dansas, em Como em coquettismo a fazia respmada de tohouvesse m. tassem a sua compen- Wentworth,

E de outros. E propostas e mais propostas de casamento... dizia-se insensivel ao amor...

E, um dia...

Desceu das montanhas a figura sympathica e athletica de Michael Jeffery.

Houve festa. Michael foi convidado. Encontrou Norma. Dansou com ella. Respirou, nas conversas o seu halito perfumado. Sentiu, nas dansas, o seu perfume e a maciez do seu rosto, ás vezes, ao encontro do seu.. Depois, brincando, comprehendeu que ella era differente. Futil. Vaidosa. Voluvel. Na apparencia. Mas, intimamente...

FILM DA UNITED ARTISTS

MARY PICKFORD . . . . . *Norma Besant*
John Mack Brown . . . . *Michael Jeffery*
Matt Moore . . . . *Stanley Wentworth*
John Sainpolis . . . . *Dr. John Besant*
William Janney . . . . *Jimmy Besant*
Henry Kolker . . . . *Jasper Carter*
George Irving . . . . *Robert Wentworth*
Loise Beavers . . . . *Julia*

Director: — SAM TAYLOR

em primeiro plano. Que perdoavam e esperavam tel-a por esposa, um dia, ainda...

O pae de Norma, era figura queridissima e respeitadissima da localidade. E, em sua casa, ás noites, reuniam-se os moços e as moças dali. Dansava-se. Conversava-se. E, afinal, quando sahiam, todos, moços, moças e velhos. Vinham buscar. Dos labios de Norma, os beijos de amizade que ella distribuia com prodigalidade...

As ligas pró-moralidade, revoltavam-se contra aquillo. As solteironas, tambem. Mas Norma continuava coquette. E, Norma, afinal, continuava querida de todos...

Um dia...

São sempre assim, as pequenas. Namoram. Fazem-se insensiveis. Norma, por exemplo, regeitava sempre os carinhos de Stanley...

Amou Norma.

Mas Norma não o amou...

Ou antes.

Disse que não amou... E tinha razão. Porque, afinal, quando Stanley um dia se declarára á ella. Ella pensou que o amasse. Mas, depois... Viu que era apenas sympathia... Michael não estaria nesse caso, tambem?

Dias depois, houve um escandalo. Numa roda, num café, discutia-se. Alguem disse que Norma Besant não passava de coisa atôa. Michael ali estava.

Rapido, passou a mão pelo casaco do que dissera.

— Moço! Que negocio é esse?

— E' isso mesmo! Namoradeira. Levada da bréca. E...

Não chegou a terminar a phrase. Um murro arrancou-lhe, da bocca, alguns dentes e algum sangue...

A noticia circulou.

Houve falatorio. Diz-que-ques...

Falaram as velhas. Os alto-falantes das villas...

Falaram as moças. Que sempre perderam para a distincção e a graça de Norma...

Falaram todos.

Até que o dr. John Besant, pae de Norma. Soube de tudo.

(Termina no fim do numero).

PAPEIS QUE ELLES GOSTARIAM DE REPRESENTAR...

KAY FRANCIS, CLEOPPATRA.

GARY COOPER, THERMIDOR

RITA LA ROY, MME BUTTERFLY

FAY WRAY, KIKI...

MARY BRIAN, A HEROINA DE "THE LITTLE MINISTER" DE BARRIE.

CINEMA DE AMADORES

(de Sergio Barretto Filho)

CUIDEMOS DA PROJECÇÃO

Em regra geral, quasi todo amador concede pouca attenção ao que se chama *a projecção*. No emtanto, na realidade, aquelle termo do Cine-Amadorismo representa um acto tão importante, quanto a propria photographia.

E' sabido que uma projecção defeituosa póde arruinar a mais perfeita photographia. Deprehende-se dahi que o amador verdadeiramente enthusiasta precisa devotar tanta attenção á projecção do seu film, quanta elle devota á photographia, desde que seu desejo real consista em elevar os seus talentos cinematographicos a um nivel superior. A projecção constitue um verdadeiro "test" do film. Muitas pelliculas podem parecer perfeitas quando examinadas entre as mãos, emquanto, durante a projecção defeitos e mais defeitos irão apparecer. Por exemplo: falta de firmeza, causada por um tripé muito usado ou pelo facto de segurar a camara, entre as mãos, sem o cuidado devido; aquelle estremecimento peculiar, durante a projecção, causado durante a photographia pelo machinismo da camara, necessitando de reparos. Esses defeitos não podem ser notados ao examinar-se o film entre as mãos. E' por isso que achamos, com muita justiça, que a projecção é um acto de muita importancia para o film.

Em primeiro logar, cada metro de film deve ser revisto e cuidadosamente editado, antes de ser projectado deante de espectadores. Uma previsão do film póde ser concedida aos encarregados dos córtes e da titulagem, mas os visitantes nunca devem assistir a um film que ainda não está terminado. Convem possuir em mãos uma parte do film já preparada, isto é, prompta em todos os sentidos, editada, titulada, collada, antes do film ser apresentado. A impressão dada a quem assiste a esse rolo do film é muito melhor do que se imagina. O dono do film, ao ver a parte prompta do film, parece que perde aquelle medo de ter que explicar a toda a audiencia porque é que esta scena é assim e não assado, porque é que essa outra é tão fraca, porque é que taes e quaes scenas não se acham no logar conveniente, de accordo com a sequencia da historia, e assim por diante.

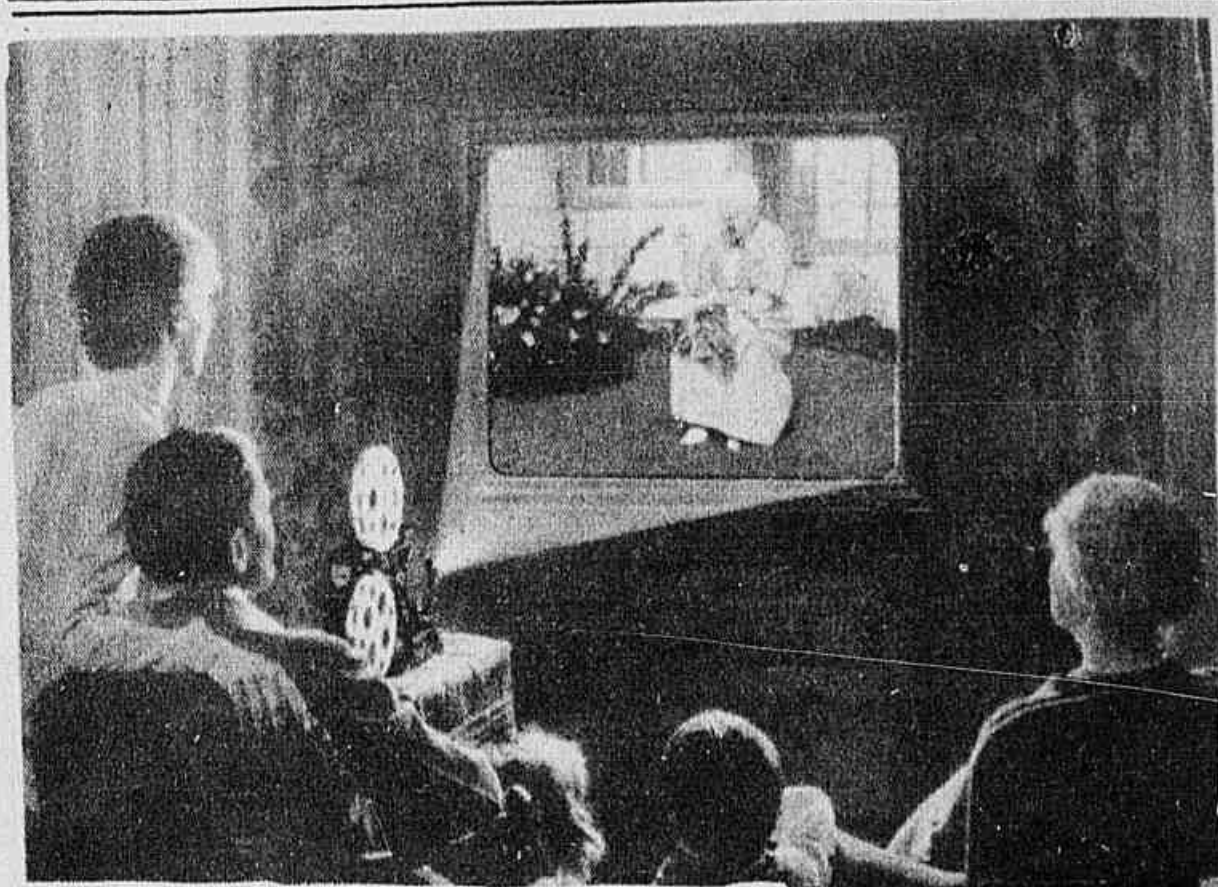
Ha agora um facto curioso que convem analysar. Os nossos films são editados, titulados, collados e enrolados em carreteis de metal já promptos para a projecção. Ora, fazer com que a audiencia espere bastantes minutos, emquanto o operador colloca os carreteis no projector, passa o film pelo corredor, focaliza as lentes, etc., é muito pouca gentileza. Tódos esses detalhes precisam ser cuidados antes dos convidados chegarem. Isso permittirá assim que o espectaculo seja iniciado sem a minima demora.

Os amadores costumam deixar que a luz branca appareça sobre a téla, illuminando-a, no principio e no fim de cada rolo de film. Trata-se de um defeito, e este, agora, mais importante do que o que foi analysado mais acima, porque é essa luz branca que faz mal aos olhos, e não a projecção. Essa luz branca póde ser evitada, collando-se films de conservação opacos nas extremidades de cada rolo. Esse film, aliás já empregado pelos verdadeiros enthusiastas do Cine-Amadorismo no Brasil, dá tempo a que o operador possa collocar á sua mão ou um pedaço de cartão na frente da objectiva, emquanto o fim do film passa pelo projector. Para quem não possue o denominado film de conservação, é facilimo preparar algum, expondo ao sol um trecho de film virgem qualquer, e depois revelando-o até uma côr quasi como a do *negro de fumo*. O film de conservação transparente é bastante usado pelos amadores, mas a questão aqui é que o unico alvo por elles visado se resume em proteger o film, depois de enrolado. O film opaco é portanto melhor, já que serve indistinctamente para dois films.

A respeito ainda de films, convém mencionar as collagens mal feitas. Esses factos representam constantemente uma fonte de desagrado, principalmente se um grande numero de espectadores se acha assistindo ao film. Hoje em dia, na projecção profissional, já é considerado imperdoavel o facto do film se descollar durante a exhibição, porque os operadores já comprehenderam que esses accidentes sempre denotam falta de cuidado. Se um film fôr examinado cuidadosamente antes de ser collocado no projector, elle nunca soffrerá taes accidentes durante a projecção, a não ser em consequencia de outros mais serios, como o fogo, por exemplo. O Amador aliás deve comprehender que é seu dever inspeccionar o film de vez em quando. Elle deve examinar as collagens, as perfurações, e coisas semelhantes. As perfurações rasgadas precisam ser substituidas *immediatamente*, depois do que, poder-se-á passar o film num projector, pelo menos uma unica vez, sem perigo de rupturas. O amador deve lembrar-se de como viu os films nos cinemas principaes, isto é, *quasi sem rupturas*. E lembrando-se disto, deve procurar reproduzir o mesmo, no seu proprio lar. Todos se sentem felizes em dar prazer aos convidados...

Só pelo facto da lampada que fornece a luz ao projector, queimar-se raramente durante a projecção, poucos amadores consideram possivel um tal accidente. No emtanto, a lampada póde queimar-se nos momentos menos esperados, e muitas vezes durante a exhibição de um film interessante para uma audiencia, numerosa e importante. E' muito embaraçante suspender a projecção porque não ha, ás mãos, outra lampada que se possa collocar na lanterna. O amador deve sempre guardar uma lampada nova, extra, na caixa do projector, a todo momento. A lampada em uso deve ser examinada de tempos a tempos, porque, á proporção que a lampada vae ficando velha, ella vae tambem dando mostras de uso. Os filamentos vão se carbonizando, e o vidro da lampada vae aos poucos se ennegrecendo. Quando esses symptomas se tornam manifestos, o amador que conhece a sua arte descarta-se immediatamente da lampada, e troca-a por outra nova, antes que a velha se queime de todo. Com essa pratica, o amador poderá ficar sempre certo de que a illuminação não faltará durante a exhibição.

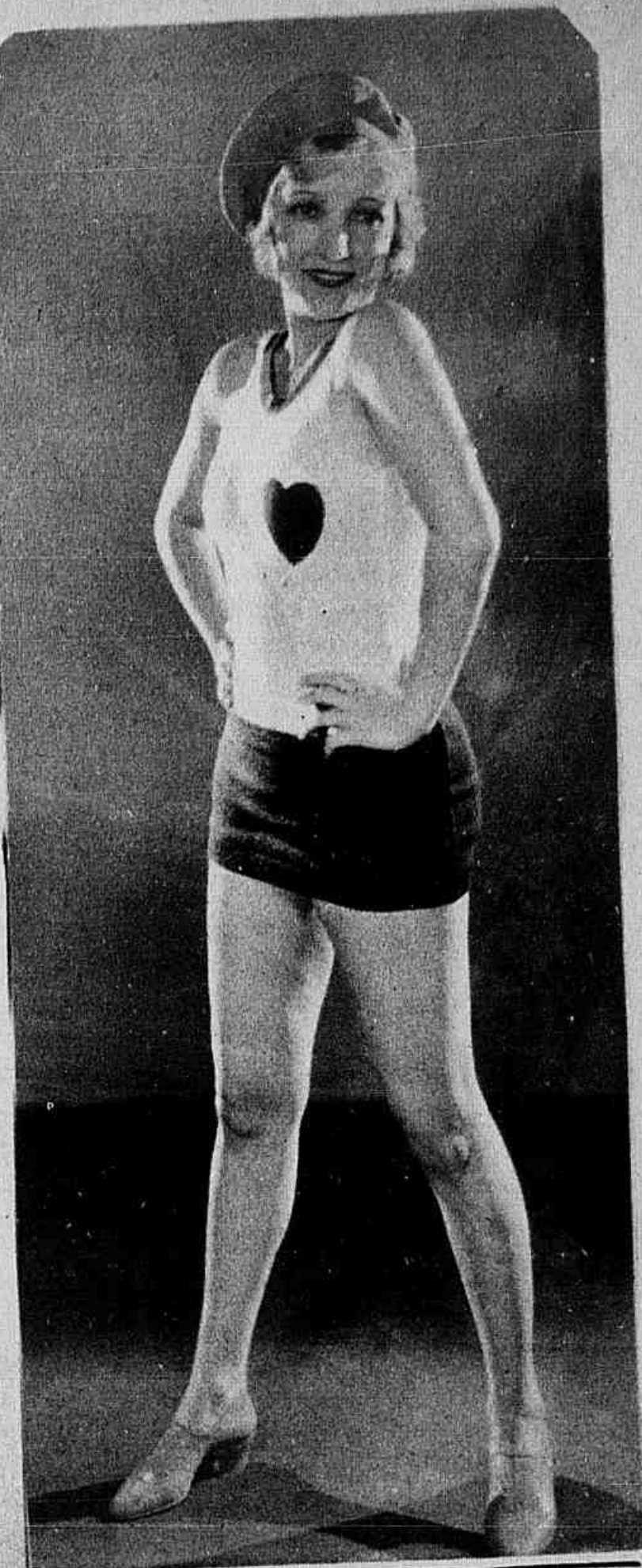
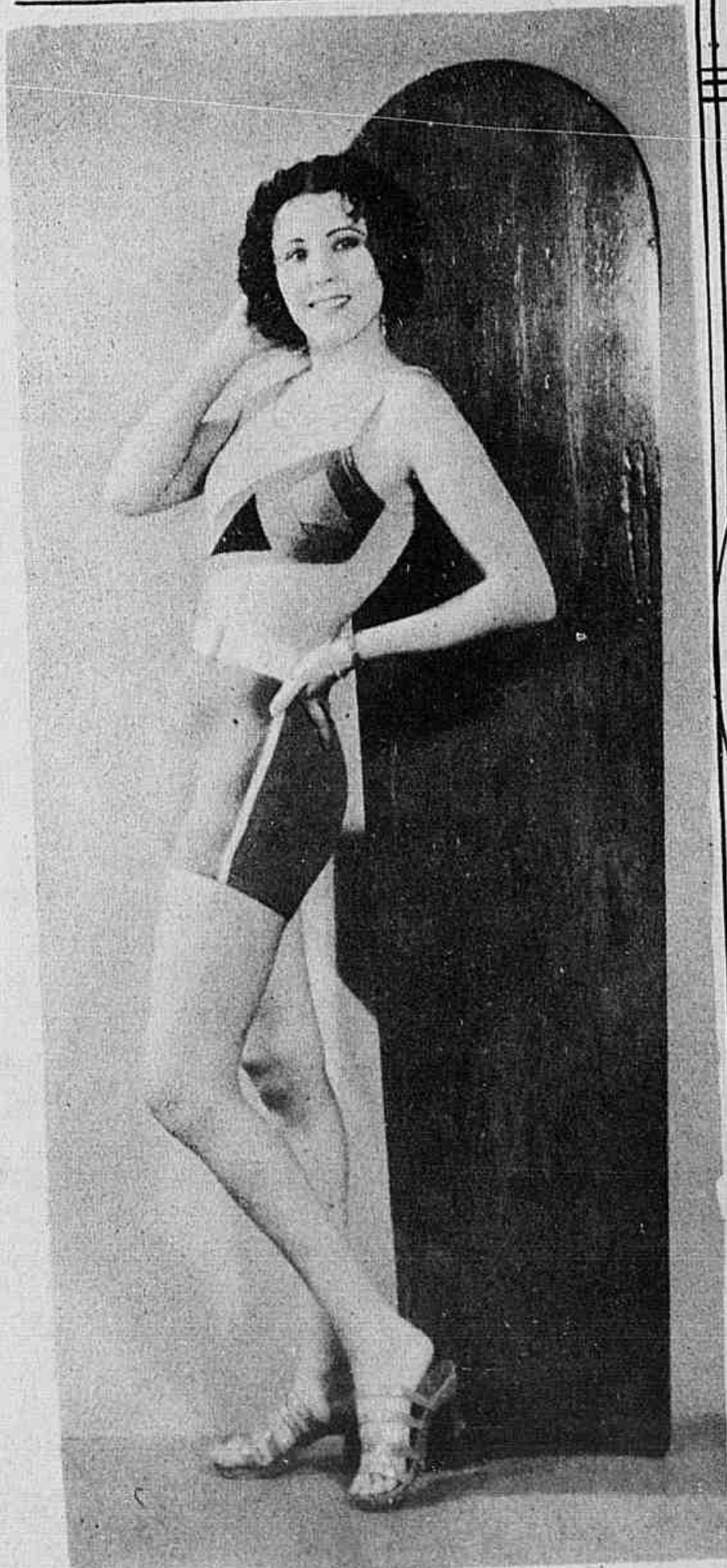
Quando a lampada não está centralizada correctamente, isto é, *no fóco exacto do espelho parabolico*, uma certa quantidade de luz se perde, antes de attingir a janella de projecção, ou ainda, apparecem auréolas e manchas sombrias sobre a téla. O espelho parabolico da lanterna precisa ter, do mesmo modo, os seus cuidados, embora em muitos projectores do typo amador, já elle esteja ajustado permanentemente, evitando qualquer regulagem. A lampada, porém, precisa ser regulada afim de que possa dar o maximo de illuminação possivel. E' surprehendente notar-se como alguns millimetros de differença na posição da lampada podem melhorar a projecção. Uma téla perfeitamente illuminada apresenta um tom branco muito puro em toda a sua superficie, e é isso que o amador precisa ter em mente. Se a téla não está illuminada correctamente, então é que a lampada ou mesmo o espelho parabolico precisam ser examinados, e o amador deve tratar de ajustal-os immediatamente.

Talvez por estar acostumado com as télas de largas dimensões dos grandes cinemas, o amador, em regra geral, procura sempre installar na sua casa uma téla, a maior possivel. Ora, isto é um erro grave, porque todo espectador preferirá uma téla pequena, porém clara e brilhante, a uma outra de dimensões enormes, porém diffusa e sombria. A téla pequena não é anti-profissional, como muitos amadores parecem julgar. Uma projecção dentro de casa não precisa nem deve ser grande em demasia. Quanto mais depressa o amador se convencer dessa verdade, tanto maior prazer elle terá com o seu cine-amadorismo. Uma téla muito grande, com a subsequente projecção de imagens tambem demasiado grandes, dará necessariamente uma exhibição inferior á que daria uma téla menor, visto que a mesma quantidade de luz é projectada sobre uma area maior. Tudo augmenta de tamanho proporcionalmente, e consequentemente a luz diminue, fazendo com que o espectador não possa vêr nada sem algum esforço. Por outro lado, a téla pequena dá uma imagem brilhante e alegre. Ninguem se cansa durante a projecção. Nem a propria vista se cansa. O amador deve portanto contentar-se com uma téla pequena.

O projector, como a camara, exige a limpeza e o azeitamento, de vez em quando. O amador que desdenha esse cuidado dentro em pouco se arrepende. Se o amador se lembrar de que o projetor e a camara são construidos sobre a mesma base, e precisam, por isso, ter os mesmos cuidados, elle terá o maior prazer em cuidar tanto de um como de outro. No material dos

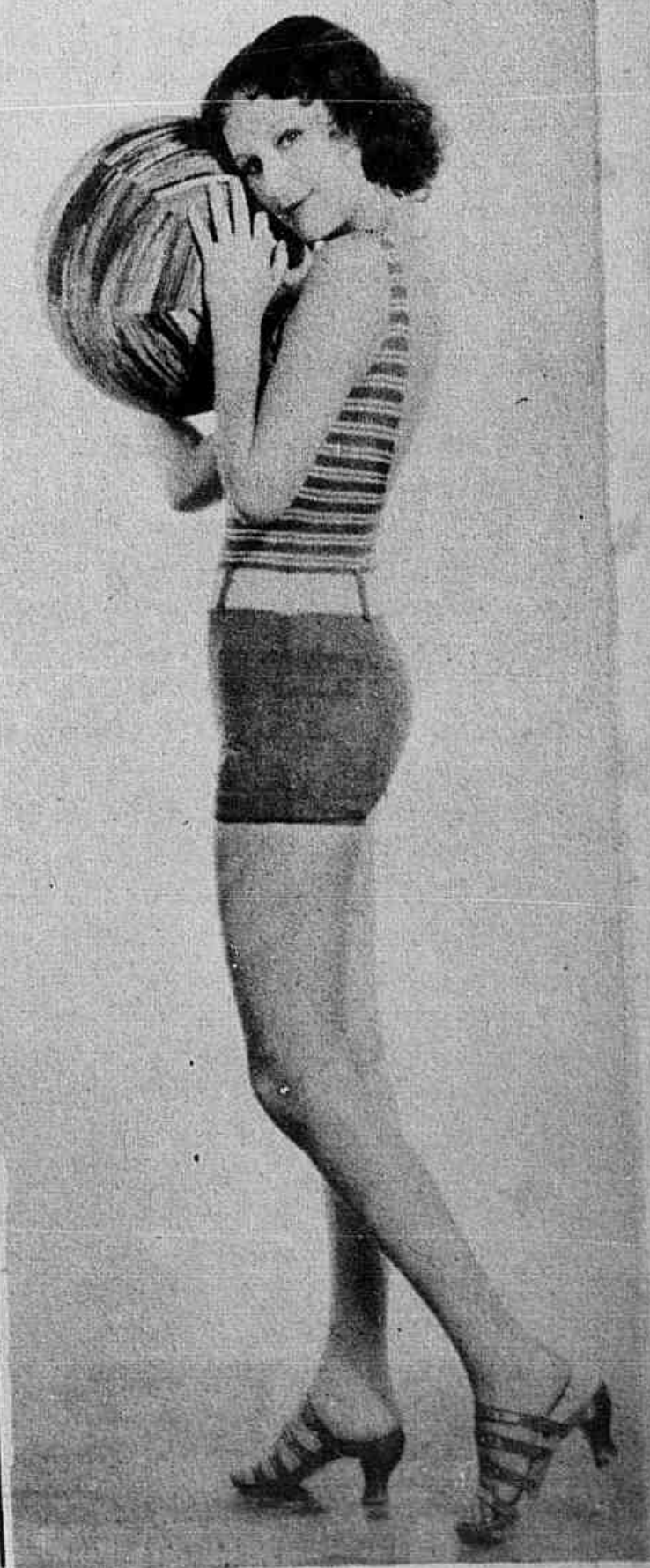
(Termina no fim do numero)

Longe das praias.

RAQUEL TORRES

MARTHA SLEEPER

BESSIE LOVE

GWEN LEE.....

ANITA PAGE

DOROTHY JORDAN

O Cinema produz milagres. A's vezes, quando se exhibe um film que tem uma mulher perigosa. Terrivel. Toda vestida de setim. Arrastando a cauda do seu traje. E deslisando, pela téla, mais voluptuosa e mais tentadora do que uma sereia. E' fatal! Fará, na certa, com que, dias depois, nos escriptorios das cidades. Das aldeias. E até das villas. As dactylographas entrem. Perfeitamente vestidas de setim. Com immensos brincos. Com o penteado daquella artista. E, quanto possivel, immitando-a, terrivelmente...

Lembro-me, perfeitamente, do que succedeu quando Gloria Swanson, ha annos, inventou uma serie de penteados exhoticos para usar. As casas de cabelleiras. Os cabelleireiros, tambem. Viram-se tontos com tantos modelos novos e com tantas freguezas que queriam usar os mesmos modos de se pentear. Usados pela Gloria...

Greta Garbo, quando se apresentou em publico pode-se dizer, francamente, que era bem caipirinha, ainda. Trazia, da Suécia, systemas os peores. Custou a se adaptar aos modelos que lhe ditavam os costureiros do Studio. E, quando figurou nos seus primeiros films, ainda não se penteava direito e nem era o que se pode chamar. De pequena elegante. Pois bem. Justamente os pontos que o productor temeu. Por estarem justamente fóra de moda e serem, mesmo, ridiculos. Como sejam. Uma pelle para o pescoço. E um determinado collar. Passaram a ser, immediatamente, as cousas mais procuradas pelas senhoras e senhoritas que haviam assistido aos films de Greta Garbo...

Lillian Tashman não veste na rua o que veste no Cinema...

Constance Bennett é uma das que se vestem melhor, no Cinema.

Resolvemos consultar algumas estrellas. Ellas, certamente, poderiam dar, ao publico. A's pequenas que vão á Cinema, principalmente, algumas indicações saudaveis.

E, assim, procuramos diversas. Gloria Swanson, Lilyan Tashman, Constance Bennett, Kay Francis e Olive Borden.

A resposta que todas deram, em unisono, quasi, foi esta.

—Diga-lhes que não usem, absolutamente, as modas que usamos, nos films!

Porque?

Não se vistam

A resposta é facil.

Mas devemos deixar que ellas proprias falem e exponham os seus pontos de vista. Lilyan Tashman foi a primeira com a qual falamos.

— Os meus vestidos de Cinema, meu amigo, são completamente diversos daquelles que uso, no meu guarda roupa particular.

Disse-nos isto e continuou.

— Amo os meus vestidos. Mas, é logico, não aquelles nos quaes appareço invariavelmente vestida, nos meus films...

— Geralmente, no Cinema, os meus papeis são os de uma mulher de máos instinctos. Sereia-vampiro, ao mesmo tempo... E, assim, tenho que viver esses mesmos papeis á perfeição. O Cinema, para dar o effeito requerido, tem que exagerar, sempre. Principalmente no que se refere a modas e vestidos. Assim sendo, é logico, é preciso que se criem modas adaptadas ao caracter que as artistas criam. Ou melhor. Que estão tentando criar... Mas, sem duvida, depois do meu trabalho, eu não irei me divertir, num cabaret. Ou, mesmo, não irei á um Cinema. Ou á um theatro. Nas vestes que trajei, nos films. Vestes de aventureira. Vestes que não são aquillo que eu sou e que fazem com que de mim ajuizem outras coisas... O meu guarda roupa particular, na maior parte dos casos, é todo elle, composto de vestidos serios. Principalmente escuros, que

Gloria Swanson...

Olive Borden tem bons costumes...

são os que mais aprecio. E, os meus vestidos de noites de gala, todos elles, quasi que invariavelmente, são côr de carne.

— Em um dos meus mais recentes films, *On the Level*, eu fiz um papel de ladra. Disfarçada de menina de sociedade. Uma tarde, acompanhada do Victor Mac Laglen, o principal do mesmo film, fui a Coney Island. Trajando um dos meus vestidos de formalidade Cinematographica. E, creia, emquanto fazia as minhas scenas, com aquelle vestido. Usando aquellas maneiras. Eu apenas tinha uma idéa.

— Tomára que as pequenas não se lembrem de usar estes vestidos para dias de passeio...

— E, sinceramente, porque o achava ridiculo e perfeitamente inconcebivel em uma pequena decente. O mesmo vestido. No mesmo modelo. Feito em seda pesada. Com enfeites ouros.

COMO NÓS!

seria, para taes casos, o ideal. E, assim, acho que se devem lembrar, sempre, que, para o Cinema, as artistas nunca usam aquillo que realmente usam quando deixam o trabalho...

—oOo—

Depois, procuramos Gloria Swanson. Apesar das modas que ella sempre lançou, nos films, Gloria é das que melhor se trajam, em toda a colonia Cinematographica. Falando comnosco, Gloria nos disse o seguinte.

Faça com que deixem de usar as modas dos films!

Disse e continuou, olhando-nos, séria.

— São modas que, ás vezes, passam apenas 5 minutos pela téla. Extremamente convencionaes. Apenas para effeitos de vista. E, quando, nas poltronas de um Cinema, alguem se senta para apreciar um film, quer ter deslumbramentos na vista. E, para isso, sem duvida, é que se fazem estas modas espalhafatosas. Mas as modas que cada artista usa, para o seu typo, não póde, absolutamente,ser aquella que se use, calmamente, durante uma estação completa! Immitar, mais ou menos, um vestido que apparece num film. Tentar copial-o, mas procurando melhoral-o, poderá dar certo. Porque, é logico espiar na integra, um vestido da téla. Principalmente quando se trata de um vestido simples e apenas de effeito, para os olhos, é um gravissimo erro. Geralmente, nos meus guarda-roupas, procuro estar dois ou tres passos avançada da moda em evidencia. Geralmente, quando começam as estações. Eu estudo, detalhadamente, os modelos todos em evidencia. Approveito aquelles que me servem, correctamente. E, depois, á meu gosto. Melhoro-os, de accordo com o que acho razoavel e faço delles os que realmente me servem.

E' talvez por isso que dizem que eu estou sempre inventando novas modas...

— Assim, nos meus films, emprego os mesmos systemas. Acceito os vestidos de formalidade que me dão. Mas... Exagero-os ainda mais. Para, assim, tirar o partido requerido e, alem disso, ainda mais um pouco me evidenciar perante os olhos dos que me vêm. Nos Studios, geralmente, uso modas bizarras. E, na vida real, creia, prefiro o que de mais simples houver. Dentro da moda, é logico!

—oOo—

Entre as figuras que ditavam leis de modas, em New York, achava-se Kay Francis. Procuramol-a, é logico.

As suas palavras, sobre o assumpto, foram rapidas e decididas.

— O segredo de bem vestir, para a téla, é simples. E' tratar de conseguir determinadas modas. Que, photographadas, não digam que a artista está bem vestida. E, sim, "que linda que ella está". Porque, na verdade, se não conseguimos apparecer bellas, para o publico e elle começar a reparar seriamente nos vestidos. Acabará notando os erros e as dificiencias... Mas, quando nos apresentamos bellas, realmente, os espectadores esquecem-se, por instantes, das modas. Nem notam, mesmo, se são actuaes ou atrasadas. E, assim, derrotando a argucia, vencemos os olhos... E' este, sem duvida, um dos principaes segredos do officio.

— Acho, sem duvida, que deve-se vestir uma artista, totalmente de accôrdo com a sua personalidade, no papel que desempenha. Não se deve esquecer a menor particula. Nem, tampouco, o menor detalhe. Tudo deve ser perfeitamente cuidado. E' logico que, para o Cinema, deve-se exagerar um pouco a moda. Porque, sabe-se, a photographia diminue. E, assim, o real torna-se humilde. E, se se quer, portanto, uma pose soberana, deve-se exagerar o real. Porque, assim, na reducção photographica dá, justamente, aquillo que se quer ter.

— Interpretando o papel de uma moça de sociedade, eu poderia ir fazer compras, á uma loja, trajando georgette côr de crême, com enfeitos pesados, de côr beije. Na vida real, porém, se isso fizesse, seria errado. Poderia usar estes trajes, para um chá ou uma partida de bridge, á tarde. Mas, nunca, absolutamente, para fazer compras... Assim, vê-se, claramente, que, para o Cinema, este é um dos problemas mais complexos. Porque cuida-se, antes, de mais nada, quando se faz um film, de se dar a impressão

(Termina no fim do numero).

Kay Francis acha que a mulher deve impressionar pela belleza e não pelos vestidos...

MAIS UM FILM DE GLORIA.

GLORIA E OWEN MOORE.

SCENAS DE "WHAT A WIDOW".

GLORIA, SEMPRE GLORIOSA...

O CINEMA DE GLORIA E' A GLORIA DO CINEMA...

LELITA ROSA
cinearte

EDITH JHEANNE
cinearte

DIDI VIANA
Cinearte

NITA NEY

Cinearte

Lon Chaney é assim

— Detesto falar de mim. Nada tem de novo isto. Porque sempre foi minha maior implicancia, isto.

— Jurei ha tempos, jamais dar uma entrevista. Acho que a excessiva publicidade mais liquida o artista do que o proteje.

— Creio na illusão do palco, de que nos falaram Maud Adams, Duse e Bernhardt. A iillusão, para os artistas, é sem duvida, o que de mais interessante ha. Isto, sem duvida, é mil vezes mais interessante do que saber o que os artistas comem, ao jantar ou a marca de shampoos que usam...

— Maud Adans jamais morrerá. Ella é eterna. Quando muitos dos nossos nomes já houverem desapparecido, o della sempre perdurará! Isto, porque della, ella propria sempre fez um mytho, uma lenda. Poucos foram os que a viram. Poucos, ainda, os que com ella falaram ou qualquer cousa souberam da sua vida intima. Ella era uma reclusa de natureza. Era e sempre foi uma reticencia. Alem disso, porem, sempre foi uma mulher intelligentissima e argutissima.

— Não sou um recluso. Nem sou reticencia. Para meus amigos ou para minha familia. Mas não sou, supponho, o que chamam de artista moderno. E, considerando bem, nem artista sou, mesmo...

Jamais fiz apparições pessoaes, em dias de estréas.

— Nada me faz mais mal, creiam, do que me achar involuntariamente no meio do povo e ouvir alguem dizer, chamando a attenção. *Ali vae Lon Chaney!*

— Não é polido. Mas a minha inclinação natural, nesse instante, era voltar-me e gritar. *Sou, sim! E o que voces têm com isso?*

— A, cousa que mais temo, é a minha propria vaidade.

— Todos nós a temos. Precisamos ter, mesmo. E' necessario. Não temos necessidade de a diminuir. Nem de a augmentar.

— Não é o successo que nos mata ou que nos gasta. Tampouco grandes quantias em dinheiro. E' o parazitismo que quasi sempre acompanha o successo e o dinheiro... Os que nos applaudem e as mulheres são as nossas mortes! O effeito desses parasitas, é que nos é mortal. Já vi. Não um só, não! Mas muitos dos melhores artistas de Cinema. Realmente bons. Tombarem, da originalidade á mediocridade. E, desta, para o nada... Por causa unica e exclusiva dos dois males citados...

E' o maior de todos os perigos para nós artistas! E' isso que nos faz crer que somos tão bons, tão infalliveis que, afinal, nada mais de proveitoso conseguimos fazer. Eu não digo que não fosse affectado por esse mal. Mas bem por isso é que o evito, a todo transe.

— Já descobri que o dinheiro não me modifica. O successo, portanto, não me affectará, tambem. Sou o homem que era, em menino e em moço.

— Quero, hoje, o mesmo que queria, ha annos passados. Quando lutava. Quando era um desconhecido. Tenho, hoje, os mesmos desejos. Os mesmos habitos. Os mesmos gostos. Os mesmos credos.

— Sempre acreditei na extrema bondade do publico. Até hoje eu creio.

— Os de Hollywood, o meu pessoal, meus collegas, em summa, são infelizes, com seus casamentos. Com suas vidas. Com suas amisades. Por causa unica e exclusiva das suas vaidades. Julgam-se tão bons. Tão intelligentes sabias. Que, afinal, não precisam mais, mesmo, esforçarem-se para ser mais intelligentes ou mais artistas... Não usam as reflexões naturaes dos cerebros. E' uma especie de degeneração que os toma. A vaidade é um parasita social que sempre quer se alimentar e se alimentar e se alimentar até que estoure e mostre o precipicio infallivel e irremediavel a sua victima...

— Pouco ligo á fama. Quanto menos ella me sorria, tanto melhor. Trabalho por dinheiro e porque me interesso pelos papeis que me dão. Se eu por elles não me interessasse, eu não os faria. Os papeis importantes, para mim, nada são, afinal, se eu não os puder sentir.

— Eu não me recusei a falar, no Cinema, porque temesse que minha voz desvendasse o meu proprio mysterio. A voz, afinal, foi e será, mesmo, o mais mysterioso de todos os instrumentos de que se possa servir um artista. Recusei-me a falar, porque sou um homem de negocios e pouco liguei a ser o primeiro. A principio a cousa estava imperfeita. Era uma experiencia. Porque deveria eu tentar uma cousa que, afinal, poderia dar em nada, sujeitando-me afinal ao ridiculo? Agora, as cousas mudaram. Existe o Cinema falado. E, alem disso, eu ganhava pouco para falar. A minha voz valia mais alguns mil dollares, para um microphone...

— Não sou um triste.

— Não sou um morbido.

— Não me deixo influenciar ou colorir pelos papeis que represento.

— Sou bastante feliz. Sou alegre e optimista.

—Muitos crêm que eu sinta e viva os papeis que represento. Não é tal.

— Sou feliz. Mas não estou satisfeito. Sou um optimista, mas não um satisfeito. Isto, apenas em relação ao meu trabalho e não em relação á minha vida particular.

— Nunca termino um film que não veja, ao cabo delle, que scenas atraz eu podia ter feito melhor do que fiz.

— Procuro sempre conseguir sympathias, com os meus papeis.

— Quando represento, ás vezes me perco dentro dos caracteres que corporifico. Isto quer dizer, afinal, que me posso sentir tragico ou comico, dentro de alguns segundos... Mas logo que deixo o "set". Não penso mais nisso e nem me lembro que sorte de papel eu representava. Eu exerci um training sobre mim mesmo, para conseguir isto. E' uma forma de protecção individual...

— Sempre fui uma criança feliz e normal.

— Quando era rapaz, nunca pensei em ser artista. Começei collocando vidraças até chegar ao que hoje sou.

— Sempre procurei copiar as pessoas que via e que achava dignas de immitação. Nunca fui á local algum que não observasse os typos ali existentes.

— Até hoje faço a mesma cousa.

— Nunca li. O que eu quero ler, vou ler na vida, directamente!

— Jamais frequentei lares de artistas de Cinema.

— Jamais recebi um artista ou uma artista de Cinema em minha casa. Não porque não os aprecie. Mas porque, em casa, quero me esquecer de que sou artista e, assim, de tudo, tambem, que diga respeito á profissão.

— Já descobri, tambem, que muitos de nós, temos muitos valores falsos...

— A vaidade é sempre evidente. Quando nos encontramos com algum artista que já foi algo e, hoje, nada é. Elle sempre diz que *queria voltar*... Mas não é voltar, pelo primeiro degrão, não. E' voltar logo pelo posto que occupavam...

— Não tenho passa tempo favorito. Nem ando em Rolls Royces. Não frequento festas e nem as dou. Não procuro escandalos de publicidade que me sejam dispendiosos.

— A unica cousa que realmente me interessa, é minha familia. Minha esposa. Meu filho. Meu neto. Minha nóra. Eu gosto muito de passeiar com minha mulher. E sempre fazemos excursões, mesmo.

Prefiro as pescarias. Sou um homem normal e acho que isto já é sufficiente, para mim... Não sou religioso, no sentido de frequentador de igrejas. Mas não deixo de ter a minha religião.

— Creio que sempre abandonamos a Deus mas que Elle nunca nos abandona!

o—o—o—o—o—o—o—o—o

Hula, da Paramount, que, silencioso, foi um dos maiores successos de Clara Bow. Será, por ella, novamente feito, em versão falada.

(REDEMPTION) — *FILM DA M G M*

JOHN GILBERT . . . . *Fedya*
Eleanor Boardman . . . . *Lisa*
Conrad Nagel . . . . *Victor*
Renée Adorée . . . . *Masha*
Claire Mac Dowell . . *Madame Pawlovna*
Agostino Borgato . . . . *Petushkov.*
Director: — *FRED NIBLO*

— Vejo um rapaz moreno. Olhos pretos. E elle será seu esposo!

— Mas é este aqui o meu noivo! E, se elle é moreno... Talvez o proprio sol o seja, tambem...

Dizendo isto, Lisa Pawlovna sorriu. Olhou Victor, seu noivo, que contemplava aquillo sem o menor interesse. Sua mãe, ao lado, impacientava-se.

A cigana ainda tinha sua mão entre as della. Depois, olhando-a, Lisa a retirou, lentamente.

— Moreno e bem moreno, repito. Casar-se-á comsigo!

E afastou-se, recebendo a paga que Victor lhe atirou.

— Vês? Para que é que dás confiança á esta gentinha?

Era conselho de Mamãe.

— Não te incommodes, Lisa. Prometto-te que mandarei tingir meu cabello, dentro de poucos dias...

Era a phrase sorridente do noivo.

Mas Lisa continuava pensativa. Aquellas palavras ainda sorriam aos seus ouvidos... Ainda caçoavam da certeza que tinha ella de ser a esposa de Victor...

Arrancou-a, deste torpor, um ruido de patas de cavallo. Victor afastava-se, para conversar com um grupo que mais adiante estava. E o cavalleiro, chegado de doida disparada, começou a correr atraz de uma cigana bonita. Depois, agarrando-a, beijou-a. Deixou-a. Voltou-se. Deu com o olhar parado e interrogativo de Lisa. E o que se passou, foi rapido.

Elle apanhou um ramo de flôres sylvestres. E, com elle, chegou-se rapidamente ao lado de Lisa.

— Senhorita... Desculpe-me. Mas, sob pena de morte, os costumes rezam que as recem-vindas recebam, do estrangeiro, um ramo de flôres que lhe engrinalde a fronte.

Se bem o disse, melhor o fez. Delicadamente amarrou aquellas flôres em volta da testa de Lisa.

E, afastando-se um pouco, mirando-a. Disse.

— Senhorita... Desculpe-me. Mas agora é que comprehendo a razão deste costume...

Lisa não tinha coragem de ser severa. Sua mãe, impassivel, esperava mais uma ousadia. Victor chegou-se.

— Fedya!

— Victor!

Conheceram-se.

— Mas o que se passa comtigo?

— Apresente-me!

Disse-lhe Fedya em voz baixa.

— Lisa Pawlovna, minha noiva...

— Muito prazer!

— E Madame Pawlovna, minha futura sogra.

— Muito prazer!

Fedya curvou-se sobre a mão de Lisa que ainda tinha entre seus dedos. Fez menção de beijal-a. Mas Lisa, rapida, retirou-a.

Reparava, agora, que elle era moreno. Bem moreno. Olhos pretos...

Temeu.

— E' a primeira visita que faz ao acampamento?

Foi a unica pergunta que ella achou para lhe fazer.

— Não. Venho sempre!

E olhou-a, com as duas brasas dos seus olhos...

— A vida desta gente tem qualquer cousa de sublime! A musica! Haverá musica mais linda do que a dos ciganos?...

— E' linda, mas é barbara!

Foi Victor que disse, um tanto ou quanto distrahido.

— Barbara?..

Deve ser isso... Porque, afinal, talvez eu tambem não passe de um barbaro... Mas se soubesse como me emociono com a melodia e os habitos deste povo...

Iam continuar. Mas Madame Pawlovna, entediada, lembrou. — Precisamos ir. Desculpe-nos, caro senhor...

A carruagem partiu. Curiosidade partiu dentro do sorriso enigmatico de Lisa. E paixão ficou, nos olhos em fogo do rapaz moreno. Bem moreno. Fedya...

— Fomos companheiros de escola.

Explicava Victor, ao rodar da carruagem.

— Elle é descendente de excellente familia. Já teve immensa fortuna. Gastou-a toda, com a sua bohemia incorrigivel. E' um rapaz notavel. Cheio de encantos e de seducções. Mas é um irresponsavel. Mais voluvel do que um cata-vento...

— Mas é lindo!

O noivo olhou-a.

— O que faz elle?

O noivo tirou as rugas que já tinha posto na testa.

— Ah!... Faz nada... Ahi está o encravo! Elle nem é bom e nem ruim. Tanto chora como ri. A's vezes canta, dias e dias. Depois, trabalha. Desesperadamente. Apaixona-se. Com violencia e com rapidez. Depois... Diz que vae caçar a lua, em cima dos montes selvagens... E vae... Depois volta. Já tem outra paixão. Outro amor...

Pobre Fedya! Uma bôa alma. Mas... profundamente maluco!

— Mas é tão interessante!

Ahi as rugas vieram. Victor olhou-a. Madame a censurou, num olhar. Mas a carruagem continuava rodando. E depois Victor acabou esquecendo e enclavinhando a sua mão á de Lisa..

Um mez depois, á um canto do jardim de Madame Pawlovna, ouvia-se este dialogo.

— Mas... E Victor?

Era uma pergunta feita numa tenue duvida.

— Sei que não estou sendo correcta com elle... Ama-me profundamente. Dá-me toda sua affeição... E eu...

— Tu... De que te envergonhas?

— Mas envergonho-me!

Insistiu ella.

— Envergonho-me, terrivelmente, Fedya! Victor é a melhor creatura que já encontrei. Elle é delicado. Meigo. Soffreria tanto com isto...

— Lisa!

Fedya já tremia. Tinha as mãos de Lisa entre as suas. Beijou-as, com ardor e paixão. Lisa cerrou os olhos. Para apanhar melhor a emoção que a devorava...

— Eu sei que Victor é um rapaz excellente. E que o que estamos fazendo nem é correcto e nem direito. Minha consciencia me acusa, confesso-te. Mas meu coração me segreda que ando direito... E tu...

Olharam-se.

— Tu... Amas-me?

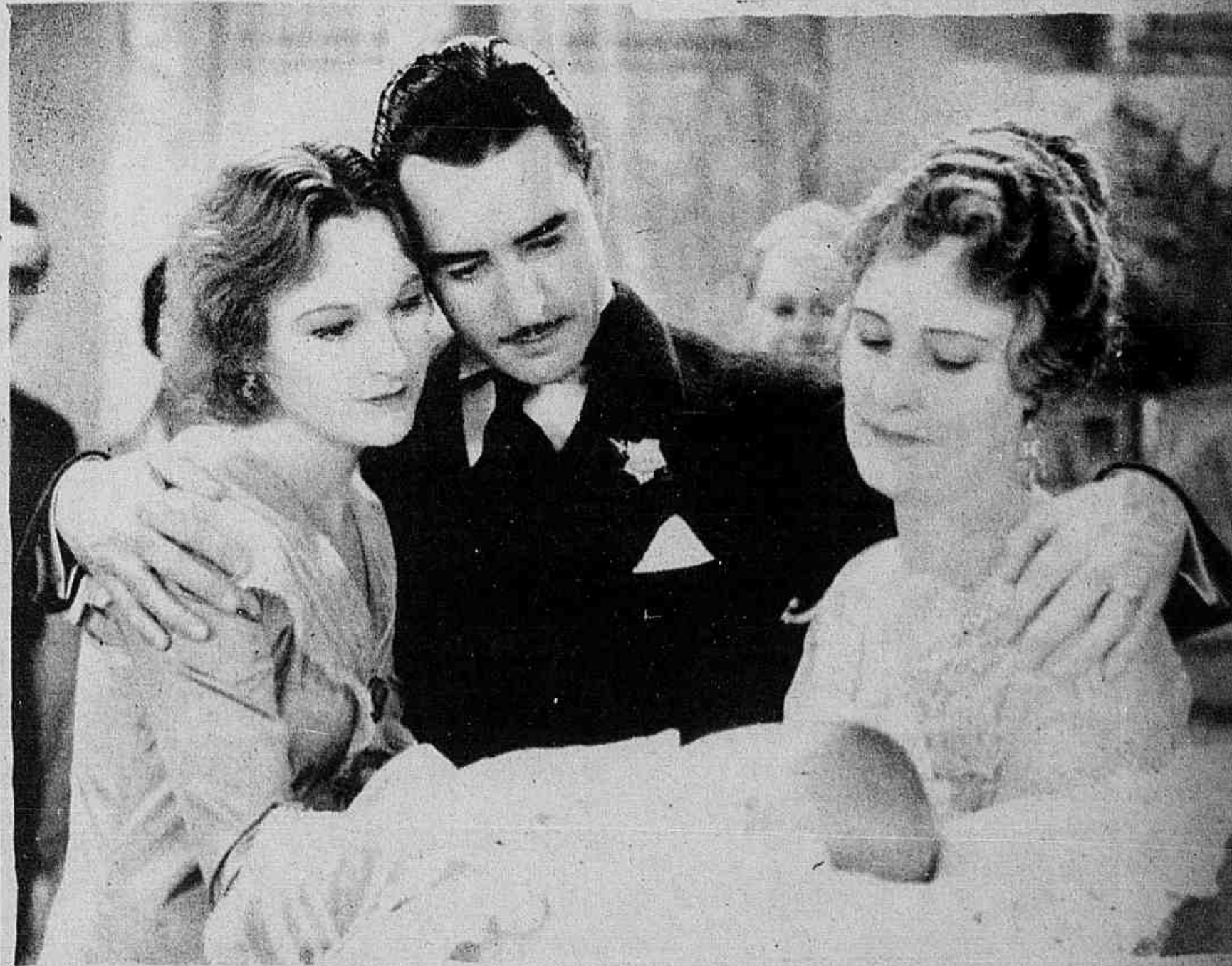
Lisa não cerrou os olhos. Encarou Fedya. Depois, lentamente, respondeu.

— Apaixonadamente, meu querido!...

Atiraram-se. Abraçaram-se. E, depois, como se quizessem fugir ás consciencias, torturadas, esmagaram os labios num profundo beijo...

Tempos depois, num bóte, singrando aquelle lago que ficava bem defronte a casa de Lisa, Fedya a tinha entre os braços. E, emquanto a melodia favorita. Uma canção qualquer. Sentimental e ingenua. Daquelle povo cheio de sentimento. Embalava-lhes as almas. As mãos se agarravam, com medo de se perderem... E os olhos se devoravam, como se fossem féras esfaimadas... Depois regressaram. Madame já sabia daquelle amor. Combatera-o. Mas é que ali estava Victor. Elle estivéra fóra. Agora... Ia saber, por certo...

— Victor. Lisa ama-me! Sei que me vaes culpar por te haver roubado. Mas... Coração é coração! Victor fez-se serio. Conteve-se. Sorriu. Abriu as mãos e recebeu as de Lisa. — Tu o amas?

— Sim! Demais! Perdoas-me?

— Porque não, minha Lisa? Escuta. Ninguem te faria mais feliz do que eu. Mas quero que te sintas alegre. Radiante! E se assim estás, ao lado delle... Vae! Eu ficarei sózinho, pelo resto de minha vida...

Não houve mais nada. Victor sahiu. Acabrunhado. O incidente, ali, deixou o seu rastro de aborrecimento. Mas, duas horas depois, quando se ouviu o canto daquelle passaro nocturno... Já Fedya e Lisa, longe, muito longe, viajavam pelos seus sonhos de moços e colhiam, da felicidade, o melhor e mais delicado fructo.

Um anno mais tarde. Os olhos de Lisa, sua esposa, continuava sendo, para elle, toda

(*Termina no fim do numero*)

ERA numa das principaes confeitarias de Washington. Uma mesa e, em torno, cinco jovens raparigas saboreando as delicias de um *ice cream soda* Uma dellas tinha o narizinho arrebitado e dois olhos fulgurantes e cubiçosos. E na cabeça tambem, naquelle momento, tinha ella qualquer coisa a turbinar, a julgar pelo ar absorto com que imprimia marcas da sua colherinha de sorvete na toalha da mesa. Por fim, ergueu a cabecita e falou:

— Sabem? Hei de ser um dia uma grande actriz. Acabo de decidir isso agora mesmo. Esperem e verão!"

As suas collegas pararam um momento de tomar os seus sorvetes e fitaram a interlocutora. Mas a interrupção foi curta. Que havia, na verdade, de extranhavel que uma pequena se sentisse enfeitiçada pelo palco? Não tinham ellas tambem já uma vez soffrido a attracção desse mesmo desejo?

A differença estava apenas em que essas jovens alumnas do collegio de Mrs. Hazen, em Pelham Manor, que se encontravam em Washington gosando as férias do Natal, não sabiam que caracter resoluto era o daquella menina de 14 annos, de nome Ruth Chatterton.

Pouco depois, o bando gracil deixava a confeitaria e ia rua em fóra, tagarella e risnho. A certa altura. uma

das companheiras voltando-se para Ruth, disse-lhe com ar de desafio:

"Eu duvido que você se metta no theatro!"

"Pois então acompanhem-me!" retrucou Ruth.

Os passos apressaram-se a caminho do theatro mais proximo. Ali chegadas, Ruth entrou, emquanto as collegas ficaram a esperal-a em baixo. Pouco depois Ruth voltava corista de theatro. E nunca mais o collegio a avistou, a despeito dos insistentes esforços paternos.

E hoje, sem que haja nada que admirar, a ousada affirmação da pequena de narizinho arrebitado é um esplendida realidade, graças a um trabalho pertinaz, a repetidos successos e aos predicados de uma vigorosa individualidade.

A grande força de vontade que transformou a moça de sociedade deslumbrada pela miragem do theatro numa das grandes favoritas da scena, revela-se a cada momento nos actos da sua vida.

Se nascesse homem, Ruth dirigiria, sem duvida, alguma importante organização de negocios; mulher, ella conduz a sua propria carreira. E' dessas raras creaturas afortunadas que realizam tudo quando pretendem. Nasceu para commandar.

Lois Wilson, a mais intima das suas amigas, intelligencia acima do commum e que nos seus annos de Hollywood tem conhecido todo mundo, affirma que Ruth Chatterton é a mulher mais interessante que até hoje encontrou.

O traço predominante da personalidade de Ruth é o alheiamento, o orgulho, dizem aquelles que não a comprehendem. Mas o seu "orgulho" — se tal existisse — seria a manifestação de um caracter firme e sincero. Ruth marcha sempre com passo seguro para os seus objectivos. Em publico, observa invariavelmente maneiras cerimoniosas para com todos, embora não estabeleça differenças de categorias sociaes quando alguem lhe parece digno da sua amizade. A honestidade sobrepõe-se a tudo mais no seu espirito. Sincera, ella detesta a hypocrisia, e só as pessôas sinceras e probas encontram agasalho na sua amizade. Franca, ella vos dirá sem rebuços se gosta de vós ou não, e dirá por que.

A creatura humana merece-lhe todo o interesse. Ruth Chatterton estuda logo da primeira vez as pessôas com quem entra em contacto e lhes dá, consequentemente, a sua sympathia ou o seu desdem.

Um dos seus amigos actualmente é um joven jornalista de Los Angeles, de 18 annos de idade. Foi uma amizade espontanea e nasceu de uma interview que elle lhe foi solicitar. A artista percebeu que elle se sentia intimidado na sua presença e gostou da franqueza com que o rapaz lhe confessou o seu embaraço. Ruth poz-se a pilheriar com o joven, fazendo-o perder o acanhamento e deu-lhe a melhor entrevista que jamais um reporter lhe havia arrancado, convidando-o, em seguida, para comparecer á sua casa á beira mar, no domingo immediato. Ella vê nesse joven um brilhante futuro e como acha que elle está no *turning point* da sua vida procura ajudal-o no que póde.

E, como esse moço, todos aquelles que aspiram subir encontram uma influencia estimuladora no contacto de Ruth Chatterton.

Das estrellas de theatro que o film falado levou a Hollywood, Ruth Chatterton occupa o primeiro logar. Entre estas estão suas camaradas Fay Bainter, Katherine Cornell, Elsi Janis e Helen Hayes.

Mas o circulo das suas relações não é apenas composto de celebridades do palco. Desde alguns annos ella se constituiu o centro de um grupo de jornalistas, escriptores e artistas de nomeada. Póde-se dizer que a sua casa em Bervely Hills é o rendez vous da intelligencia. O clan de amizade de que Ruth Chatterton e Ralph Forbes, seu marido, fazem parte é representado por Florence Vidor, Jascha Heifetz, Ronald Colman, Lois Wilson, William Powell, John Colton, autor de "Rain" e "The Shanghai Gesture", e Richard Barthelmess e sua esposa. A estes accrescentem-se tambem Maurice Chevalier e esposa, quando se encontram na California.

No verão, todos os domingos esse grupo reune-se na villa que Ruth e Forbes possuem á beira mar e que baptizaram de Maliba, e ali cada um se põe á vontade.

Quando trabalha, Ruth desenvolve intensa actividade. Nas suas horas de *set* não ha minutos de descanso. Nos momentos em que se interrompe a filmagem, ella "trabalha" a scena em curso com o director ou prepara as sequencias seguintes.

Ruth e seu marido Ralph Forbes...

Nos seus instantes de folga, Ruth distrahe-se escrevendo peças de theatro, uma das quaes foi acceita por um theatro de New York. Cultiva tambem a musica e compõe. Possue uma voz de soprano muito agradavel, que será ouvida no cinema em "Sarah and Son", seu novo trabalho.

Como prova do bom humor de Ruth Chatterton, Guy Bates Post gosta de contar o caso de um certo espectaculo de beneficio, realizado ha annos, em Chicago, com o concurso de varios artistas. Emquanto cada qual se impacientava, atormentando o director de scena para despachar logo o seu numero, Post notou uma creatura que se sentava um pouco afastada e nada reclamava.

...UTH...

Dirigindo-se á actriz [...] observando-lhe que er[...] realmente uma cacetad[...] ter ella de esperar, ouvi[...] como resposta: "Não fa[...] mal. Eu contribuo par[...] uma obra de caridade. T[...] dos podem passar á minh[...] frente que eu esperarei[...] Ruth Chatterton era o n[...] me dessa actriz.

Ruth teve sempre [...] seu caminho na vida apla[...] nado pela firmeza do s[...] caracter. A joven coll[...] gial que acceitara u[...] desafio de sua collega, vi[...] se logo atirada entre ge[...] te veterana de theatr[...] Tinha muito que apr[...]

(Termina no fim numero)

Esta é Dorothy Sebastian

DOROTHY... SEBASTIAN COTTON CLUB?

LEMBRAM-SE, QUANDO ELLA APPARECEU NUM FILM DE ALICE TERRY? VIRAM O SEU DESEMPENHO EM "GAROTAS MODERNAS"?

De HOLLYWOOD para Você

(De L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood)

Hollywood. Films. Cinema fallado. Sonóro. Synchronisado... A eterna historia.

De quando em quando: Cinema Brasileiro... Noticias que vêm de longe. Que chegam da Patria... Ah, quanta falla em Patria. Como se fallasse em media, pão e manteiga. Mas, quando está longe della...

NORMA E A SUA DEDICATORIA A "CINEARTE"

Bem! Vamos ao que serve.

Os films em idiomas estrangeiros, continuam sendo a febre da actual Hollywood. Todas as linguas do mundo estão entrando. Até a hungara... O Brasil fica sempre de fóra... Mas porque? Porque é insignificante? Não! Absolutamente! Até que que o consideram mercado dos melhores. Mas é que o incluem, sempre, no ról dos "spanish"... Qual! O razoavel, no caso, seria enviar geographias á todos os productores... Mas... E o medo de que elles nem ler saibam?...

Virem brasileiros para cá, aventurar? Ou fazerem-se films com os que aqui estão?

Não. Nenhuma dellas serve. Porque, felizmente, o brasileiro não dá para immigração... E os que aqui estão, juntos, não poderão figurar sinão em dois ou tres films, no maximo. Porque depois, é evidente, perderão toda a novidade e se tornarão... peça de theatro completa!

Qual é o remedio, pois?

Cinema Brasileiro!

Sim! Cinema Brasileiro. E' elle que vae salvar a situação. Fallante ou silencioso. Synchronisado ou sonóro. E não estará longe da victoria radical...

Bem... Deixemos os sonhos. Voltemos á realidade daqui de Hollywood...

Olha lá elle! Carlito! E' elle sim! Mas... Que diabo estará elle olhando? Aeroplanos? Não. Apenas o toldo novo do Henry's... Elles, ás vezes, acabam mesmo assim, olhando toldos...

Você já sabia? Que o Menjou que tanta loróta contou. Que disse que Paris é que era. Está de volta e, ainda peor, fallando... hespanhol num film? Pois é! A versão hespanhola de "Slightly Scarlet", que Clive Brook, fez em inglez... Acho, mesmo, que, aqui, o unico que não falla hespanhol sou eu...

Quando Nazimova ainda existia, em Hollywood, morava no Sunset Boulevard. E occupava um logar que se chamava "Garden of Allah". Depois, quando ella fracassou e deu as de villa, fechou-se o tal "Garden" e por muito tempo assim ficou. Agora, reabriu-se. E sabem quem o aluga? A viuva de Fran Keenan. Não sabem quem é?... Ora... Nem eu...

Lá vae elle. Mostrando tudo á um grupo de companheiros. E' o Regis Toomey, servindo de cicerone... Quando passei pelo Ambassador, ouvi uma conversa sobre melodias notas. (Musicaes, apenas). Eram Ruth Chatterton e Doris Kenyon que conversavam... Mais adiante, no centro de outro grupinho, Norma Shearer fallava. Pelos modos, contava algum conto de fadas... Isto é. Naturalmente dava lições, ás pequenas, de "como é que se casa com um productor"...

Quando aqui se estrou *All Quiet in the Western Front*, o Embassy Club ficou repleto. Eu precisei até recorrer ao gerente da casa para apanhar a lista dos presentes... Já sei. Querem a listinha, não é? Mas escutem. Se alguem disser que estou transformando isto em secção de necrologio ou em secção social, defendam-me, sim?

Lá estavam Clara Bow. Merna Kennedy. Nancy Carroll. Joan Bennett. Bebe Daniels. Jeanette Loff. Sue Carol. Mary Pickford. Lupe Velez. Alice Day. Lew Ayres,

BEN ALEXANDER NUMA SCENA DE "ALL QUIET ON THE WESTERN FRONT".

o principal interprete do film. Paul Bern. Clarence Brown. Cecil B. De Mille. Ernst Lubitsch. Douglas Fairbanks. James Hall. Ben Lyon. Hoot Gibson. D. W. Griffith. Perdoem-me... Não posso ir adiante. Tenho muita cousa a contar, ainda e, se aqui ficasse, dando a lista toda... Francamente, a machina pediria... sóda!

Apenas um detalhe. Sabem quem era o coronel do banquete? O joven Carl Laemmle Junior...

Ha dias, entrei num novo Club daqui. O George Olsen's Club. Calmamente tomei o meu *drink*. E, entre outros, vi, lá, estes. (E tome lista!)

Harold Lloyd. Eddie Cantor. Al Kolson. Jeanette Loff. Mary Brian. Dixie Lee e sua amiguinha inseparavel, Sue Carol. Sally Blane. Dorothy Lee. Marylin Miller e outros que discutiam films...

fazendo fitas. Houve, ha dias, com a entrada do verão, aqui, a parada dos chapéos. Lá estavam, entre outros, fazendo figurações, os nossos muito amigos: Adolphe Menjou. Sheldon Lewis (lembram-se delle?) — E o Conde Cutelli, com bengalinha e tudo... Ora vejam! Com Kay Johnson, Reginald Denny, Lillian Roth, Albert Conti, Edward Davis, Mary Mac Allister, Betty Francisco, Wallace Mac Donald, Wilfred Lucas. Ella Hall (Ainda ha alguem que se lembre della?), Martha Sleeper, Rina di Liguoro e outros, Cecil B. De Mille está fazendo o seu film "Madam Satan". Pois bem. Depois que o Zepellin da historia se arrebenta, os artistas, todos, têm que vir rolando pelo espaço a fóra, até cahirem ao sólo. Em para-quédas, é logico. Sabem o que elle fez, para conseguir que todos fizessem os seus papeis, sem "doubles"?... Segurou-os por tres vezes mais os seus valores respectivos...

O ultimo assumpto das prosas daqui, é Marlene Dietrich. Descoberta de Josef Von Sternberg que, com elle, figurou em "Blue Angel", de Emil Jannings. Agora a vamos ver sob sua direcção, de novo, no film "Morocco", estrellado por Gary Cooper...

Um annuncio de Greta Garbo, num dos principaes Cinemas daqui: *Greta Garbo falla por tres dias, neste theatro. Prompto! Ahi está...* E' interessante fallar della. Aliás ella sempre foi fallada, mesmo... Mas ella fallando... Vamos dar nella?...

A Assistance League Gift Shop abriu uma casa de chá que tem, como garçonettes, figuras importantes do Cinema. Ha dias, por exemplo, lá estive calmamente ingerindo o meu "tea". E sabem quem me serviu? Kathryn Perry, a esposa de Owen Moorè... Mais adiante tambem estava Mary Ford esposa de John Ford e, assim, muitas outras senhoras conhecidas... Madame George Fitzmaurice, por exemplo, tambem lá estava.

Em sapatos de tennis. Com muito medo de escorregar... Que falta de pratica, minha senhora! Pois ainda não sabe que, nas casas de chá, os que escorregam são sempre os... freguezes?...

Lá estavam duas velhas heroinas do Cinema que se foi... Blanche Sweet e Dorothy Dalton... (Velhas no sentido de films, é logico...)

All Quiet on the Western Front é um dos maiores films que já vi. Direcção. Argumento. Interpretação. Photographia. Voz. Sons. Synchronismo. Tudo! E' um film profundamente humano. Profundamente realista. Mas, tudo, é logico, dentro da photogenia necessaria para agradar á todo publico.

Convidaram-me a assistir "Amor y Fuego", todo fallado em hespanhol. Para dizer se o mesmo serviria ahi para o Brasil... Eu, camaradissimo, desisti de "Estrellados", a versão hespanhola de "Free and Easy", de Buster Keaton. E fui. Santo Deus!... Antes não o tivesse feito. Francamente, não sei. Nem posso saber, mesmo. Como é que em Hollywood. Pleno coração da civilização Cinematographica. Com todos os elementos em mãos. Consegue-se fazer um film como "Amor y Fuego"... No Brasil. Com o seu Cinema apenas em periodo de franco crescimento. Tenho certeza que já se tem mais noção de Cinema do que todos quantos fizeram este "Amor y Fuego" de má recordação... O fallado... Bem, é melhor encurtar. Ha trechos em que o artista está mudo e ouve-se voz. Outras, em que o artista diz não e ouve-se um clarissimo sim... Que tal? E, ainda por cima, queriam que eu informasse se o mesmo poderia ser exhibido no Brasil... E dizer-se que vi este film quasi que em seguida ao *All Quiet*...

Já assisti, tambem, *King of Jazz*. A direcção do mesmo, tratando-se, como se trata, de um trabalho genero revista, é magistral. Porque revela, antes de tudo, senso. Na composição dos quadros. No gosto

(Termina no fim do numero)

Sally

Film da FIRST NATIONAL

Sally . . . . . *Marilyn Miller*
Blair Farrell . . . *Alexander Gray*
O Grão Duque Donny . . *Joe E. Brown*
Hooper . . . . *T. Roy Barnes*
Shendorff . . . *Ford Sterling*

Era uma gaze solta no ar, bailando. Tinha qualquer coisa de fluidico e de immaterial, na leveza do corpo, nos passos rythmicos. Mas não era nada mais do que uma "garçonnette" de restaurante... Assim Sally Green ia cumprindo o seu destino, distribuindo sorrisos aos que lhe distribuiam galanteios, ouvindo os madrigaes de uns, promessas de outros e tentações de todos, sempre de bom humor e sempre olhando a vida pelo seu lado côr de rosa... E com essa indifferença, Sally ficou encarando os homens até o dia em que atravez as vitrines do restaurant, viu, pela primeira vez, Blair Farrell, uma adoravel creatura, dessas que inspiram logo sympathia ao primeiro instante.

De tal modo o joven insinuante impressionou Sally, que ella sempre que o via fazia um estrago... e num desses desastres, o seu adoravel desconhecido fel-a perder o emprego... Não teve Sally grande difficuldade em encontrar novo serviço... e eil-a no Cabaret de Shendorff, um homem gozadissimo, lá mesmo na Broadway, ganhando o pão que nem sempre é de todo o dia...

Mas o destino que tem uns caprichozinhos gostosos reservou á loura Sally a surpreza de fazel-a esbarrar, face a face, ali, com aquelle seu namorado desconhecido.

O que elles disseram nesse primeiro encontro foi tudo o que nem sempre se diz nos ultimos... era como se fossem intimos, e Farrell tão embriagado ficou com o deslumbramento da sua belleza que esqueceu compromissos, esqueceu noiva, esqueceu tudo, só pela gloria daquelle encontro.

E elle não mais quiz conhecer outro caminho senão aquelle, indo todas as noites vel-a com o melhor dos seus sorrisos...

—oOo—

Emquanto corria assim a vida para Farrel, naquelle mesmo cabaret desenrolava-se uma verdadeira tragedia com o Grão Duque Donny, apeado do fausto e da grandeza da Checkgovinia pela revolução russa e ali cavando a vida honestamente como o mais amavel e o mais sorridente dos garçons. E o curioso da "tragedia" de sua alteza o Grão Duque Donny é que o seu patrão de agora, o caricatural Shendorff foi nos tempos bons seu mordomo!... De modo que o patrão conservava insensivelmente aquelle respeito de outróra pelo que hoje era seu garçon. E' bem verdade que ali, só quem sabia da verdadeira identidade do Grão Duque era o patrão... nem Sally mesmo, a sua confidente, conhecia esse episodio da vida delle.

—oOo—

A fama de bailarina da humilde "garçonnette" corria em pouco tempo, de bocca em bocca, e eis que Shendorff um dia, premido pelas circumstancias, afflicto pela ausencia de uma artista, se viu forçado a pedir a Sally que fosse fazer um numero. E Sally sahiu-se tão bem da prova, marcou um successo tão ruidoso que os frequentadores do cabaret, desde então elegeram-na a sua favorita... Vendo aquelle triumpho, o emprezario Hooper que já conhecia Sally de um restaurante onde trabalhara, teve logo uma idéa luminosa que vinha mesmo salval-o de uma situação difficil: é que elle, Hooper, se compromettera com a familia Brock de levar aos seus salões no grande baile que ia ser realisado naquella noite, a famosissima Madame Noskerova, uma bailarina russa de grande renome, mas tida como fatal... Muitos até attribuiam a queda do czarismo na Russia á sua influencia malefica... e por falar em Noskerova, é opportuno accrescentarmos que esse nome fazia tremer de pavor o Grão Duque Donny, por ella tambem sacrificado...

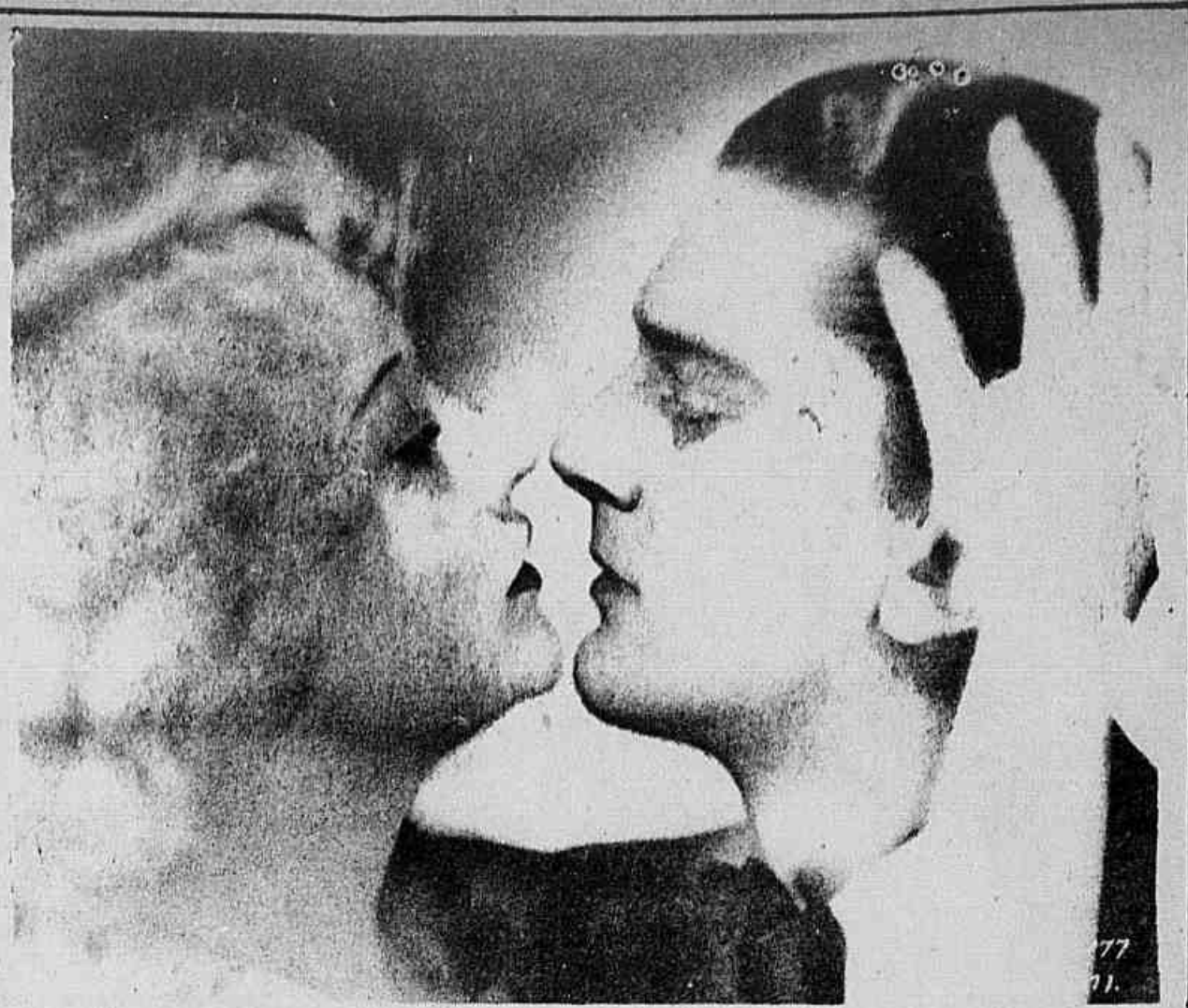
Convidada a fingir a famosa russa, Sally acceitou, sem o menor constrangimento... E mettida nas mais faustosas roupas, preparou-se para comparecer á pomposa festa...

—oOo—

Os salões de Mme. Brock, a que seria a sogra de Blair Farrell se elle não estivesse tão inclinado para a humilde Sally regorgitava. O que de mais fino e selecto a Sociedade de Nova York tinha, lá estava representado, quando os clarins soaram, annunciando a chegada de Mme. Noskerova. Movimento geral de admiração. Todos os olhos misturados com todas as curiosidades se volvem para o alto da magnifica escadaria de marmore. Ella, na imponencia de um vestido maravilhoso, surgiu... Vem descendo calmamente, olhando em derredor, seguida por uma multidão de admiradores. Chovem os commentarios: E' mesmo linda! Outro: "O retrato della appareceu em todas as partes devido a famosos duelos" e mais outro: "Tem a belleza impressionante das mulheres fataes"... Agora é uma revoada de jornalistas que a envolve: "Permitte que publique a historia de sua vida?" E ella, com a maior maldade nos olhos respondia: "Oh! a censura não permittiria. Ella é escandalosa demais"...

Os clarins annunciam agora a chegada de sua alteza o Grão Duque de Checkgovinia.

(Termina no fim do numero)

WILLIAM BOYD E DOROTHY SEBASTIAN

BETTY COMPSON E HUGH TREVOR.

Pergunte-me OVTRA

RAMONA (Rio) — Gostei dos seus commentarios. Didi vae bem, obrigado. Volte quando quizer, Ramona.

GLADSTONE DEANE (S. Salvador) — Recebido e entregue ao encarregado da secção.

BELLEZINHA (P. Quatro) — Eu tambem já estava com saudades suas... Não é preciso palmadinhas, não... Garanto-lhe que, quando se realizar, os netinhos vão deixar os queixos cahirem... Já sahiu pagina de John Boles. A Vida de Greta Garbo sahiu completa, sim. 1466, N. Sweetzer Avenue, Hollywood, California. Mencione "Cinearte" que receberá com muito mais presteza. Ella é muito nossa camaradinha. Retribuo os beijos, sim...

DOROTHY NOVARRO (Rio) — 1°. Leila Hyams. 2°. Bessie Love. 3°. E', sim. 4°. Gus Hall. 5°. Americano de nascimento, mas creado e educado na Allemanha. "Miss" Dorothy, são só cinco perguntinhas de cada vez, sim?

MITZI NEUZIL (Rio) — Recebida a photographia e annotado o endereço. Mas... Qual é você? Ali estão tres...

CHRISTIANO BENEDICTO OTTONY FILHO (Rio) — Sabe, meu amigo, que a praxe só permitte cinco respostas de cada vez? Aqui vão ellas. Endereços de artistas. 1°. Deixou o Cinema. 2°. Aos cuidados desta redacção. 3°. Deixou o Cinema. 4°. Aos cuidados desta redacção. 5°. "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Quanto á exhibição daquelles films, nada se sabe ao certo, ainda.

MOACYR GRAY PINHEIRO (Recife) — Anotei as suas informações. Interessantes os seus commentarios sobre os films brasileiros. Escreva-lhe, se quer retrato, para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

JÓE (S. Paulo) — Você abaixo assignado e esquece de assignar... Mande a photographia. Quanto á vaga, sabe, perfeitamente, que depende unicamente de ter collocação, aqui, primeiro. Assim, é preciso que antes cave o emprego para seu sustento e, depois, virá a vaga no Cinema.

DIVA (S. Paulo) — Você vae bem, Diva? Eu vou bem, obrigado... E' preciso que me explique melhor o negocio do Album. Não tem aqui uma pessôa á qual recommendal-o? Sabe que, para nós, é mais difficil, pelas diversas occupações, tomar um encargo destes. Mas não fique triste, sim? Pense bem. Talvez haja, aqui, alguem que se incumba disto. Não mande dinheiro algum. E' porque, presentemente, está fóra do Cinema. Então você gostou de "Fome", não é? Isso: "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. E' Helene Costello. Escreva para R K O Studios, Gower Street, Hollywood, California. Continue, sim! Só assim ainda acabarei no céo... Até logo, Diva!

SEVERINO UCHÔA (Rio) — O Gonzaga entregou-me sua carta. Recebida sua photographia e archivada. Anotado o seu endereço. Calma, que ainda se fará muita cousa. Vá tendo mais um pouco de paciencia e, depois, terá sua compensação.

L. B. F. (Rio) — Recebi e entreguei ao encarregado da secção.

PRINCEZITA DE OLHOS PALLIDOS (São Paulo) — Pois é isso mesmo. Envie retratos e aguarde a sua chamada. Você não quer tentar? Aqui estão as suas respostas. 1° Não. 2°. Sim. 3°. Mas para que? Você tenciona mandar-lhe tão cedo o caixão?... 4°. O "peso" de Clara Bow é o Harry Richman... que a vive perseguindo com propostas de casamento... Tambem aperto suas mãozinhas e agradeço os respeitos ás minhas cãns... Volte logo, Princezita!

HENRIKAS BALSEVICIUS (São Paulo) — Sua carta me foi entregue. Já lhe respondemos. Por esta secção, mesmo. E continúa sendo a mesma. Aguarde opportunidade. A condicção de momento, é arranjar um logar aqui, para se sustentar. Depois, então, apparecerão as opportunidades nos films.

BINU' (Recife) — O nome sahiu errado, porque a assignatura era illegivel, naturalmente... Li seus commentarios. O plagio naturalmente foi do letreiro...

RADAMÉS (São Paulo) — Este mez, terminam. Arranje seu emprego aqui. Depois, é possivel que se arranje alguma cousa no Cinema. Mas envie, antes, a sua photographia.

BASTOS MORENO (Recife) — Obrigado pelos informes, se bem que já tenhamos muitas opiniões formadas ha muito tempo.

E. D. DE OLIVEIRA (Rio) — Entreguei sua carta ao departamento de publicidade da "Cinédia".

GEORGE SALVI (Bagé) — Escreva á gerencia sobre os numeros atrasados. Escreva-lhes para United Artists Studios, 1041, Sunset Blvd., Hollywood, California. Envie directamente as suas cartas. Por aqui será muito complicado. Selle com 300 réis, mesmo.

J. M. FONT (Curityba) — Escreva-lhes para esta redacção. Elles enviarão, póde socegar. Têm demorado, alguns por falta de tempo, outros por motivos justificados. Mas, agora, tudo já se acha mais ou menos regularisado.

AN NITA (Rio) — Recebi e agradeço. Estão muito bôas. Aliás um dos nossos productores já tomou nota do seu endereço, no nosso livro de elencos e se já não foi, irá procural-a para um importante papel no seu film. Tenha animo e confie na victoria. Não desanime, não.

DIVA FOSTER (São Paulo) — Recebi e estão muito bôazinhas. A principal difficuldade é a distancia que a separa daqui. Mas, tenha confiança, sempre. Algum productor dahi a póde procurar, em nosso archivo. Ou, então, quem sabe?, seu typo póde ser o necessario e, então, chegará o seu momento. Anotado o seu endereço, tambem.

MIMI DEL RIO (S. Paulo) — O ultimo numero publicou, não viu? A "Resurreição", pertence a photographia que enviou. A da capa do nº. 12, á "Amores de Carmen". O seu proximo film, cujo nome ainda não foi escolhido, terá Walter Huston como seu companheiro de trabalho.

NILS NORTON (Porto Alegre) — 1°. "Labios sem Beijos", não, ainda. "Preço de um Prazer", provavelmente. 2°. Por causa da distribuição, naturalmente. 3°. Ainda não. 4°. Peerless.

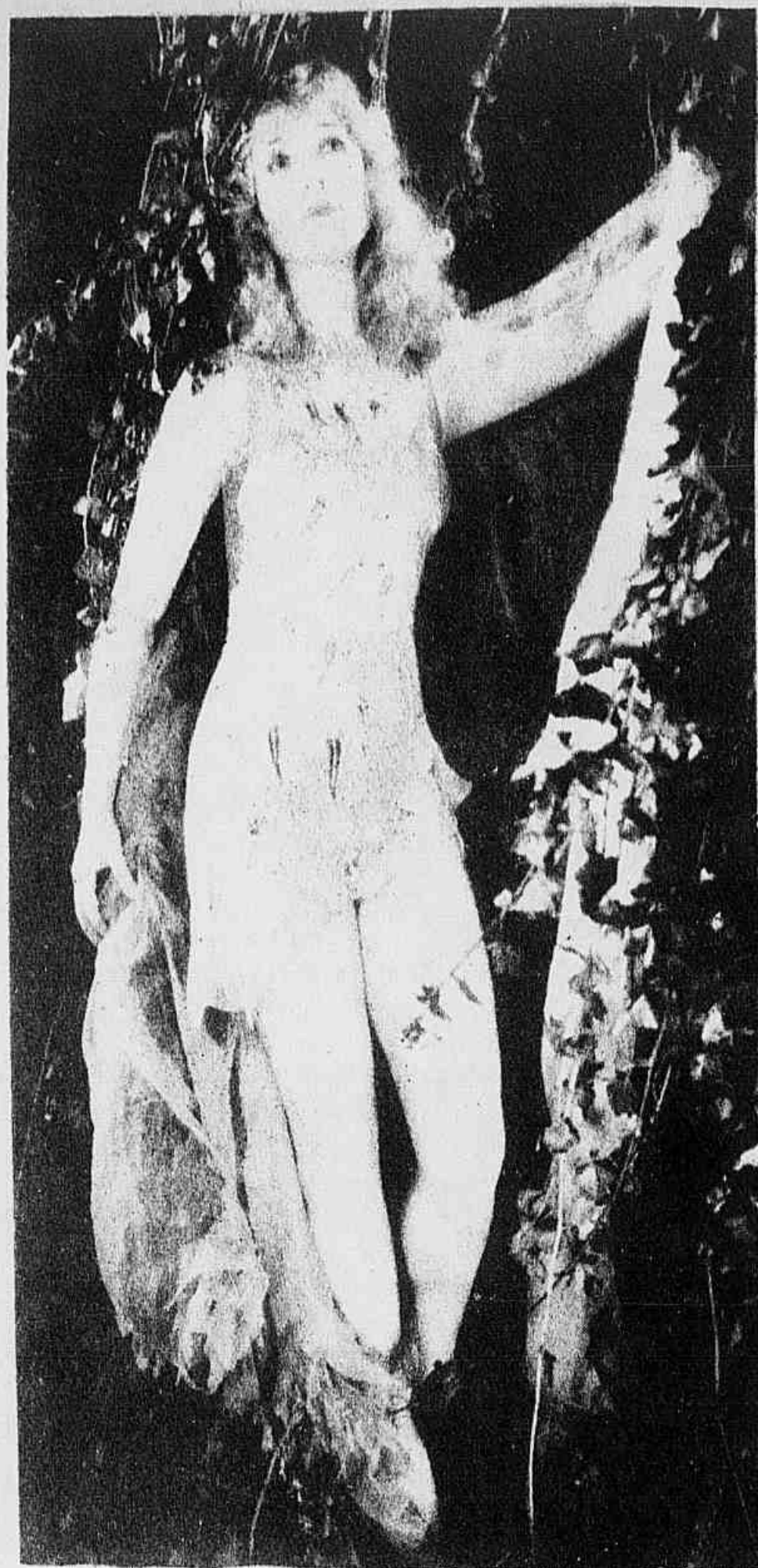
MIROEL SILVEIRA (Santos) — 1°. "Rough House Rosie". 2°. "Timid Terror". 3°. "Underworld". 4°. "The Blonde Saint". 5°. "Mismates". E' impossivel. Porque, comprehenda, abriria uma excepção. E cinco são sempre a praxe.

CHRISPIM (Rio) — Recebidas e archivadas. Mas falta-me o seu endereço, apenas. Mande-o, sim? Não tema que contrariem vocações...

JOSUE' (Rio) — Ainda nada se sabe sobre a exhibição, aqui, dos mencionados films. O endereço della é: Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollywood, California. Terminou "The Sea Bat", no qual tem uma pontinha, morrendo, logo no principio...

THALMO MELLO (Ribeirão Preto, São Paulo) — Recebi. Entreguei ao encarregado da secção. Grato.

FAY WRAY (Rio) 1°. A lista, Fay Wray, toda ella, é impossivel. Mas escreva-lhes aos cuidados desta redacção que serão entreguem. Não ralho com você, não, minha netinha... Vá perguntando, que só me dá prazer. 2°. Realmente, Fay Wray, é impossivel reproduzir a photographia que me enviou. Mas nós temos dado cousa até melhor, do Ramon! Devolvo-a, pois, para o seu endereço. Póde trazer o album para ver, sim! Quando quizer. Não é questão de fé na minha bôa vontade. E' que é uma photo que absolutamente não dá reproducção. O motivo que dá, aliás, é muito justo... E que você, nesse caso, seja sempre muito feliz, ouviu? 3° Bebe e Richard, R K O Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California. John Boles, Universal City, California.

ZIUL (Brotas) — 1°. São, por estarem perto. Geralmente já têm occupações e, assim, como não é preciso, para tanto, pagar-se ordenados ainda impossiveis, dá-se preferencia, sem duvida, aos que aqui moram e dos quaes póde-se utilisar quando em horas vagas. 2°. Será conveniente, é logico. Mas é preciso agir com calma. Pensar bastante, antes de tudo. 3°. O que deve fazer, mesmo, antes de mais nada, é mandar a sua photographia. Sim. Na proporção do trabalho, é logico. Mas, apesar disso, os que se querem especialisar, sempre ganham, é logico, na medida dos trabalhos. 4°. Aqui, agora, será quasi constante. Isto é Estando, é logico, dentro dos typos preferidos para determinados papeis dos films em confecção. Mas, para isto, é preciso ver a photographia, antes de mais nada. 5°. Póde envial-as ou póde trazel-as. Como lhe seja mais facil. E' logico que, no caso de vir, será porque para tanto tem posses e virá em caracter de passeio, sem duvida. O que seria ideal, sem duvida, era collocar-se aqui. Depois, então, com o tempo as cousas se arranjariam.

Betty Compson ainda é linda...

BETTY AFINAL, E' A MULHER MIRACULOSA...

A TELA EM REVISTA . . .

PALACIO THEATRO

NO MUNDO DA LUA — (Chasing Rainbows) — M. G. M.

Tentaram, de novo, a dupla Bessie Love-Charles King. Os resultados, porém, não foram os que Harry Beaumont conseguiu, em *Broadway Melody*... Porque? Naturalmente porque Charles F. Riesner, o director deste, não se compara ao director daquelle...

Nem como musica, salva-se. Abre o film, um bailado colorido. Que pertence ao film *Llord Byron of Broadway*, aliás. Ali encaixado quasi que sem razão... Mas enfeitando, não resta duvida. E, depois disso, entra-se pela historia. A historia de mais um "show" que percorre cidades e mais cidades, do interior americano, exhibindo as suas revistas... Charles King é um voluvel. Bessie Love, sua companheira. Uma pequena dedicada e fiel. Meiga e complacente. Que o atura até que elle se case com ella, no final... Nita Martan e Gwen Lee, são dois "casos" na vida de King que o impedem de ver que amava a sua Bessie... Jack Benny é o director do theatro. Marie Dressler e Polly Moran offerecem excellente comedia. Particularmente a scena da bebedeira, com as caretas da Marie... A synchronização está perfeita. E Charles King canta bem seus dois numeros, a canção *Lucky me, lovable you* e o final, *Happy Days*. Bessie Love tem um bom bailado, em technicolor, aliás. Nita Martan tambem canta. Mas é antipathica e não consegue agradar... Eddie Phillips é o villão. A luta entre elle e Charles King, é o typo classico da luta de peça theatral...

Cotação: — 5 pontos.

ODEON

O PÃO NOSSO DE CADA DIA — (City Girl) — Fox.

Murnau começou este film. Depois, plena epoca dos "talkies", quizeram interromper o seu trabalho. Para introduzir voz... Murnau não concordou. O contracto foi rescindido. E A. F. Erickson e A. H. Van Buren filmaram a parte falada do film... Está longe de ser um film da estatura de "Aurora" ou, mesmo, de "4 diabos". Mas, apesar disso, é assistivel. Narra as aventuras de um rapaz simples. Que se casa com uma pequena da cidade. Regressando, encontra a opposição do pae. A seducção do villão. As contrariedades surgindo, dia a dia, passo a passo. Depois, tudo explicado, termina feliz, nos labios e nos braços do seu querido *big boy*...

Charles Farrell, não está bem como em o *Rio da Vida*. Mas vae excellentemente. Dick Alexander é o villão e David Torrence o pae. Mary Duncan, mulher de formosura rara, tambem não supplanta o seu trabalho em *Rio da Vida*. Apesar disso. Sem terem scenas de descongelamento e outras... Sem gosarem da direcção integral de Murnau e nem, ao menos, da substituição por um Frank Borzage... Vão bem e convencem, dentro dos seus trabalhos. Ha bons angulos de machina e a photographia está excellente. Assistam que, afinal, não se aborrecerão demais. Não é um grande film. Mas é um agradavel passa-tempo.

Cotação: — 6 pontos.

IMPERIO

O JULGAMENTO DE MARY DUGAN — (The Trial of Mary Dugan) — M. G. M..

A historia triste da pequena que fôra accusada, injustamente, de ter apunhalado seu proprio pae. Mas não é Cinema. E' a peça de Bayard Veiller. Por elle dirigida, ainda por cima. O film não perde uma palavra siquer do drama de theatro. E, assim, é um film lento e todo preso á technica do palco. Norma Shearer revela uma voz esplendida e representa... Bayard Veillermente... Não é mais aquella Norma Shearer de *Rostinho de Anjo* e outros semelhantes... Ainda é, este film da atrasada technica de Cinema falado. Já se tem progredido muito, depois disto. Raymond Hackett, como seu irmão. Lewis Stone e H. B. Warner, como advogados e a comedia supportavel de Lilyan Tashman e Adrienne D'Ambricourt, aliviam, um pouco, os que amam o Cinema e não gostam de theatro...

Cotação: — 5 pontos.

O ANJO DA DISCORDIA — (Why Bring That Up?) — Paramount.

George Moran e Charles Mack, nos Estados Unidos, são, mais ou menos, verdadeiros idolos do publico. Pelas suas piadas, todas em "slang" de negro. Todas, genuinamente locaes. E, algumas, mesmo, de uma ingenuidade classicamente yankee. A Paramount, mostrando, como todas as outras, estas celebridades de palco dentro de um argumento de Cinema, nada mais fez do que gastar film e cêra de discos, apenas para o publico yankee... O film, aqui, agrada pouquissimo. E' absolutamente incomprehensivel, mesmo para os que conheçam inglez. E, como silencioso, deverá ser desagradavel, é apenas curioso. Nada, mais. A United, tem Al Jolson. A Paramount Moran & Mack. A Radio, Amos'nd Andy... Algumas canções melhoram o film, em certos trechos. Os numeros delles, todos tiros certos para o publico yankee. Evelyn Brent gasta toda a sua formosura innutilmente...

Cotação: — 4 pontos.

QUERIDINHA — (Sweetie) — Paramount.

Todo falado. Com letreiros sobre-postos. Uma comedia de mocidade. Divertida e bem conduzida pela direcção de Frank Tuttle. Mas, para ser vista, reune duas condicções essenciaes. Não se levar em conta o absurdo da historia. E, tampouco, a maneira de estudar dos moços norte-americanos...

Não se analysando a questão por este lado, tudo correrá em perfeita ordem...

Stanley Smith, tem bôa voz. Mas é frio e innexpressivo. Não é um daquelles galãs que Nancy Carroll já teve... O film é mais delle e de Helen Kane do que da propria Nancy... Ella tem pouca opportunidade. Mas, apparecendo, com a sua belleza faz esquecer certas lacunas do film... Jack Oakie, Stuart Erwin e William Austin, arrancam bôas gargalhadas. Jack, na canção parodia a Al Jolson. Stuart, no jogo de rugby e nos exames. William Austin nas suas distracções... E Helen Kane, sem favor, com as suas canções e seus bailados. Principalmente com a sua fala *baby-talk*, como diz muito bem o yankee. E, a melhor cousa que o film tem. Ella ainda terá muitas victorias no Cinema. A canção *Sweetie*, que Stanley Smith canta, é bonita. E elle, naquella sala, emquanto os outros preparam a sala para a festa, cantando, acompanhado pela orchestra. Fal-o com muita expressão e sentimento. O jogo de rugby, é mais um que o team sympathico vence no ultimo minuto... O idyllio de Helen Kane e Stuart Erwin, naquella janella, quando ella está de castigo, estudando canto, vale o preço da entrada... Vejam-no. Se não é admiravel e nem colossal. Tem, no emtanto, mocidade, musica, algum romance e comedia, em quantidade.

Helen Kane já anda roubando films.

Cotação: — 6 pontos.

⊞ Voltou ao cartaz do Imperio com grande successo o film *Alvorada de Amor*, com Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald. Isto quer dizer que não basta fazer film falado. E' preciso fazer bons films.

PATHÉ-PALACE

LONGE DO MUNDO — Undertow) — Universal.

Mary Nolan é linda! Divinamente linda! Seus olhos. Seus cabellos. Sua bocca. Toda ella!! E' um prodigio de perfeições. Já a vimos nos braços de Nils Asther. Nos de Warner Baxter. Nos de John Gilbert, tambem... Agora... amando John Mack Brown. Sendo perseguida por Robert Ellis, o villão... Pena é que o film tenha um tratamento antiquado e que seus artistas percam seu tempo precioso em historia tão vulgar... O eterno triangulo

Harry Pollard, em vesperas de deixar a Universal, produziu um film commum e apresenta uma direcção vulgar.

A photographia, excellente. E, afinal se não agrada, plenamente, entretem, ao menos, durante o periodo de sua rapida exhibição. Vejam. Mas por Mary Nolan, apenas...

Cotação: — 5 pontos.

UM MORALISTA EM APUROS — (Domestic Troubles) — Warner Bros.

Ray Enright, dirigindo Clyde Cook e Bety Blythe, neste film. Teve, depois delle prompto, a ingenuidade de o chamar de comedia... E' provavel que assistam o film até ao fim. Perfeitamente. Mas não garanto que se riam e nem mesmo que gostem delle... Louise Fazenda apparece, ligeiramente. Betty Blythe é que é a esposa e Clyde Cook o homem serio que tem um irmão levado do diabo que é elle mesmo e que o faz soffrer uma serie de accidentes mais ou menos sem graça... Este negocio de dupla personalidade já está ficando aborrecido... Betty Blythe, longe das suas epocas de rainhas de Sabá e demais vampiros, apparece ameaçando, constantemente, o socego do pobre Clyde... Arthur Rankin e Jean Laverty tomam parte.

Um film sem importancia, apenas.

Cotação: — 4 pontos.

FVTVRAS

Chevalier em "The Big Pond"

THE FLORADORA GIRL — (M. G. M.) — A confecção deste film, nos dá a exacta impressão de que mais passou-se o tempo, durante as filmagens, do que se trabalhou... Porque, afinal, se trabalho pode-se chamar o serviço de ficar ao lado de Marion Davies, vendo-a representar todos aquelles *gags*... Então, o que será divertimento? Narra, o film, as aventuras de uma das componentes do celebre Floradora Sextet. Marion Davies, como a heroina. E Lawrence Gray, no papel do joven cujos flirts redundam em profundo amor. Vão muito bem e dão vida e emoção aos seus papeis. A athmosphera local é; que mais encantos ainda dá ao film! A scena da praia e a corrida das carruagens sem cavallos, valem o film! Ha um numero de Floradora, todo em Technicolor, de muito effeito. Não levem Vôvô porque na certa elle dirá, magoado: meu tempo! Ah, meu bom tempinho!...

THE BIG POND — (Paramount) — Mais um film de Chevalier. Num novo campo de acção. A comedia romantica. Existem canções, sim. Mas o maior espaço é tomado pela acção e pelo desempenho soberbo do astro francez. Elle faz o papel de um rapaz francez. Sem eira e nem beira. Que vence, na America, no negocio de chiclets... Ha muito humorismo fino e Chevalier, alem disso, tem innumeras chances para cantar o seu *You Brought a New Kind of Love to Me*, vae fazer successo... Um elenco quasi todo de Broadway, mas bom. Claudette Golbert é já conhecida, não é? Ella faz esplendidamente o papel feminino principal. A direcção de Hobart Henley, fal-o digno de uma medalha de ouro!

A Paramount está cuidando muito bem do seu filhinho francez. Dando-lhe bôas historias. Bons companheiros. E bôas melodias. Mais uma do captivante parisiense!

LADIES OF LEISURE — (Columbia) — Um esplendido film, realmente! E, principalmente, considerando-se que a artista principal. Uma ex-bailarina vulgar. Revela-se, com este trabalho, artista de raros meritos. Chama-se ella Barbara Stanwick. *Ladies of Leisure*, na historia do Cinema, é um desses acasos rarissimos. Que combinam tudo. Argumento. Interpretação. Direcção. Tudo, em summa! Estes acasos acontecem. Nem sempre! Mas acontecem, ás vezes. Aqui está um delles! Barbara Stanwick faz o papel de uma pequena que serve de modelo á um grande artista. Apaixona-se por elle e conquista-o, a despeito de toda a opposição da familia delle. Thema velho, não é? Mas vão assistir! E depois contem alguma cousa sobre o tratamento que deram ao film e sobre a direcção deslumbrante de Frank Capra. Este director, ultimamente, tem melhorado de film para film. Elle e Barbara Stanwick, escoltados por Ralph Graves e Lowell Sherman, vencerão qualquer sorte de publico. Olhem esta pequena? Ella ainda será celebre...

Scena de "Lets Go Native"

THE DEVIL'S HOLIDAY — (Paramount) — Bôas novas! Nancy Carroll, depois de trabalhos agua e assucar. Como em *Queridinha* e *Honey*, apanha, finalmente, um papel realmente de valor Um papel de emoção que requereu todo o seu carinho de excellente artista que é. E nos dá, sem favor, o melhor desempenho de toda a sua carreira. Um film realmente interessante. Sobre qualquer aspecto e, alem disso, combinando, em perfeita harmonia. Mysterio e thema musical. O papel de Nancy requer, sem duvida, a maior emoção. E, com rara subtileza, ella o viveu. Ella é todo o, film! O galã Phillips Holmes, segue-se-lhe em grão de valor. Trabalha bem e convence com o seu trabalho e o faz de maneira differente. Completam o elenco, Hobart Bosworth, James Kirkwood, Ned Sparks, Morgan Farley, Paul Lukas, Zasu Pitts e Morton Downey. Edmund Goulding que creou e dirigiu *Tudo pelo Amor*, de Gloria Swanson e outros films, tem todos os creditos por este trabalho. Faz tudo! Dirige. Escreve. Compõe. Até representa...

THE LADY OF SCANDAL — (M. G. M.) — Finalmente, deixaram Ruth Chatterton livrar-se das lagrimas e dos soffrimentos e colocaram-na na alta comedia! Uma troca vantajosa. Principalmente porque nos mostra quem é Ruth, na comedia. Já que tanto a conhecemos, nos dramas. Narra o casamento de uma artista com um fidalgo. E conta o que acontece desta união e o que faz ella no seio da fami-

"Song of the Flame"

lia delle. Ruth é todo o film. Na sequencia do theatro, todos a poderão apreciar bastante. Ralph Forbes (Seu marido, aliás) e Basil Rathbone, são esplendidos parceiros para ella. Vale a pena.

WHITE HELL OF PITZ PALU — (Universal) — Film allemão feito na Suissa. Silencioso com synchronismo, apenas. A voz, neste film, mesmo, seria até um impecilho. Um espectaculo formidavel. Tres pessoas perdidas nas montanhas geladas do Palu. A turma de procura. Milhares e milhares de habitantes da villa. Todos com tochas accesas. Tempestades de neve. Formidaveis os apanhados de aeroplano. Tirados, todos, pelo aviador

Allemão, Ernst Udet. Um film crú que você não poderá jamais esquecer. Angulos de machina positivamente differentes. A majestosa belleza dos alpes. Ha um fio de historia, apenas. Um triangulo amoroso, apenas. Um romance muito... como direi... frio! Talvez influencia dos gelos eternos... Mas o film deve ser visto.

LET'S GO NATIVE — (Paramount) — Um absurdo e uma loucura, juntos! Num mesmo film! Critica aos films que exploram as ilhas desertas e o par amoroso. Jack Oackie é o dono da ilha. Jeanette Mac Donald, James Hall, Kay Francis e William Austin, os naufragos... Ha alguma bôa musica. Mas o thema é sem graça.

REDEMPÇÃO — (M. G. M.) — Foi o primeiro *talkie* de John Gilbert. Mas esteve archivado, esperando as modas... Apesar do seu anno de espera, ainda é um bom film. O desempenho de John Gilbert é simplesmente formidavel. Principalmente nas scenas finaes. Da historia tragica e humana de Tolstoi. Quando Jack mata-se, pela felicidade de sua esposa... Principalmente aqui elle se revela um formidavel artista! Está longe de ser um formidavel film.

Mas, apesar disso, prova o que já se sabe, ha muito. Que John Gilbert é um estupendo artista.

THE FALL GUY — (Radio) — Ha annos, foi peça theatral de successo. Agora, no Cinema, mantem os mesmos encantos. E' simples como um presunto. É natural como um prato de feijões... Jack Mulhall e Mae Clarke são o casal. Diverte, sem duvida e podem assistir, sem susto.

HIGH SOCIETY BLUES — (Fox) — A personalidade de Janet Gaynor e a de Charles Farrell, tambem conduzem este film para fóra dos limites do corriqueiro. Trata-se de mais uma comedia musicada. Olham-se. Suspiram. Tornam a se olhar. Tornam a suspirar. E, assim, agua e assucar, vão pelo film todo cantando e amando... Risos. Canções e alguma historia...

Mas... *Setimo Céu* era o setimo setimo céu, mesmo... Nunca mais voltou!

THE ARIZONA KID — (Fox) — Warner Baxter, exactamente como appareceu em *No Velho Arizona*. Mona Maris é a sua namorada hespanhola. Um successão para os *fans* de Warner. Carol Lombard e Wilfred Lucas, em papeis antipathicos, vão muito bem. Mas o film é de Warner Baxter, apenas.

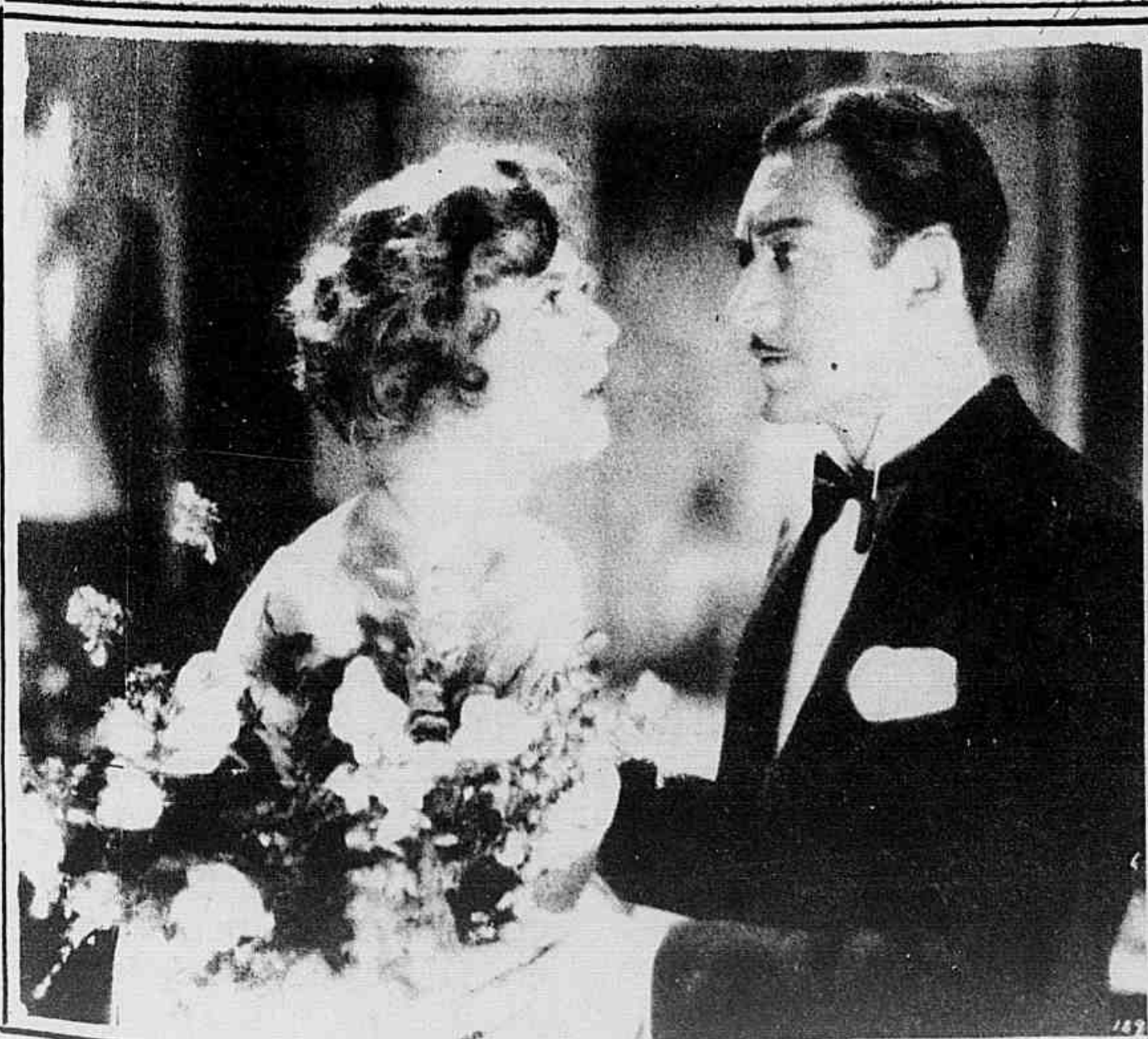
THE SONG OF THE FLAME — (First National) — A operetta da revolução Russa... Bernice Claire, soprano de bons pulmões, livra a Russia do dominio dos Czars. E Noah Beery, villão russo, canta. E revela, á todos, a sua formidavel voz de baixo. (Istó é. De mais do que barytono!) Musicas realmente bellas. Bons desempenhos. E algumas scenas bôas, realmente. Um film pretencioso. Mas, em certos pontos, cacete. Ha alguma musica que ficará familiar. Alguma comedia, tambem. Mas sempre melhor do que os films russos, mesmo... Mas films como estes é que reduzem o Soviet á expressão mais simples. mesmo...

THE SOCIAL LION — (Paramount) — Não percam Jack Oackie neste film! Totalmente despretencioso. Mas sublimente engraçado. Por saber jogar polo. Elle, um coió de aldêa, torna-se elemento de sociedade... E como elle o faz! Skeets Gallagher ajuda-o, nas suas graças. Mary Brian é a pequena que o ama. E Olive Borden, a que não o ama...

THE SILENT ENEMY — (Paramount) — Drama passado na India, só com artistas indianos. Féras. Lutas. Algum amor... E só...

Gary Cooper e Fay Wray em "The Texan"

Frances Dade e David Manners em "He Knew Women"

Lois Wilson e Theo. Von Eltz em "The Furies"

SALLY

(FIM)

A mesma recepção e os mesmos carinhos. Em torno delle faz-se o mesmo movimento de curiosidade que se fez em torno della. Ouvindo falar em Noskerova, o Grão Duque fica frio de pavor. Pavor que se desfaz logo que o trazem á presença da famosa bailarina que para ellê era nada mais nada menos que a "garçonnette" Sally.

Trocam palavras e sorrisos e elle explica a ella porque estava ali na pompa daquella farda regia, tendo sido sempre aos seus olhos um humilde garçon. Mas quem mais fundamente se impressionou com a apparição de Noskerova foi Blair Farrell, que não mais sahiu do seu lado, tonto de amor... e foi por isto que Sra. Brock, comprehendendo o quanto elle estava cahido por Noskerova, logo que acabou o seu numero de dansa, avançou e annunciou o noivado de sua filha com Clair Farrell.

Sally não resistiu ao choque dessa noticia. Em meio a um incidente que surgiu, desappareceu da festa, para ir chorar a sua mais sentida desillusão longe dali...

A vida correu e Sally tornou-se a maior figura de Broadway. E mesmo no seio da gloria, triumphante pela sua arte e pela sua belleza, guardava no fundo do pensamento uma saudade sem fim daquelle amôr antigo. Nada a fazia esquecer Farrell e toda a sua esperança era que um dia elle voltasse, e isso se Deus quizesse... Deus quiz, porque uma noite elle tornou, depois de ter renunciado a tudo, morto de saudade daquelle amôr que sempre o empolgara, daquelle amôr que elle nunca esquecera e que só agora ia começar a conhecer, porque vinha para ella, com o coração ardendo de anciedade, para gloria daquella grande felicidade que ia coroar, dali em diante, aquelle grande amôr...

De Hollywood para você...

(FIM)

da sua successão logica e natural. Em tudo. E, para completar, encabeçado, todo elle, por um elenco superior. Para o Brasil, como já se sabe, levará o film uma versão que terá o seu mestre de cerimonias Brasileiro... Que tal?

Bem, vamos passar de um pólo ao outro. Lembram-se de Richard Walling? Lembram-se? Pois bem. Deixou de ser artista e, hoje, é photographo da First National... Lucrou, na troca? Talvez. O publico é que lucrou, incontestavelmente...

Renée Adorée anda muito doente. Ha dias mudou-se de hospital e, parece, está incommunicavel.

Jane Winton, que fôra para New York, já está de volta.

Laura La Plante, que deixou a Universal, acaba é na First National, mesmo, ao lado do seu marido, William A. Seiter...

Tom Mix está a terminar a sua temporada de... circo. Sim, é isto mesmo! E, agora, já ameaça o publico com cousa peor: voltar ao Cinema e ao... falado, ainda por cima.

Glenn Tryon, emquanto não está filmando, dedica-se, e, com muito carinho, á caça. E' dos taes que tem collecção de cabeças de animaes, pendurados nas paredes de sua casa e conta mais historias de caçadas, durante os jantares, do que as anecdotas todas que existem a este respeito...

Um dos sports predilectos de Barry Norton é dar giros pelas... casas de 5 e 10 centavos. Nem sempre elle compra as cousas. Mas geralmente elle conquista pequenas...

Ha dias, numa conversa, Helen Twelvetrees perguntou ao Ben Turpin se elle tinha assistido *The Cock Eyed World (O Mundo ás Avessas)*. Cock Eyed, como sabem, é vesgo. E elle, serenissimo, respondeu-lhe: "ha cincoenta e tres annos, minha pequena, que o vejo...

Quando fazia *Wings*, William Wellman ganhava a insignificancia de $225.00. E fez um dos seus melhores films. Agora... Serão quatro ou cinco algarismos, em lugar de tres...

O Pantages Theatre, casa nova que se inaugura o mez proximo, estreará com Hell's *Angels*, o encantado film que Howard Hughes produziu para a United Artists.

The Journey's End, recente grande successo, custou á Tiffany, que o produziu, a importancia de $850.000...

Quando se lançou *Mammy*, de Al Jolson, ha dias, Bebe Daniels, Ben Lyon e Harry Langdon, cantaram, no palco, algumas de suas canções.

Tornei a estar no Olsen e vi, nas suas mesas, Fifi Dorsay, Sue Carol, Mack Sennett, Bert Wheeler e Marylin Miller.

Paul Whiteman, quando tornar a Hollywood, para o seu proximo film, abrirá um restaurant moderno. Todo em estylo parisiense. Cadeiras espalhadas pelas ruas e a sua orchestra enfeitando o ambiente. Bravos!

A esposa de Al Jolson, na intimidade, chama-o de Pudgy... Que tal? Aqui, naturalmente, todos nós o chamariamos de Paulino, por exemplo...

Dolores Costello, então, chama o John Barrymore, seu caro-metade de Winkie... Qual!

Ha dias vi Clara Bow e Rex Bell, muito juntinhos, num jantar... Que não me venha Clarinha dizendo que o ama... Se o Harry Richman soubesse, não?...

Ha dias, no Mayfair, um espectaculo que muito "fan" apreciaria assistir... Von Stroheim pagando um jantar á diversos amigos. Em homenagem a Ernst Lubitsch, que tambem se achava presente. Que tal?

Ha dias, o correio entregou a Al Jolson, uma carta. No enveloppe, lia-se. 13-1-13-13-25. Elle ficou mudo e quedo, como um rochedo... Pensou e tornou a pensar. Depois, deu um salto. "Advinhei!". Queria dizer *Mammy* O correio de lá é um facto, não?

Ha annos passados, Paul Hurst dirigia films e tinha o seu camaraman favorito, o Bert Glennon. Tempos se passaram. Hoje, na Tiffany, Bert Blennon dirigia um film, importante e tinha Paul Hurst ás suas ordens, num pequenino "bit"...

Bebe Daniels e Ben Lyon casaram-se. Mas... Continuarão assim por muito tempo? Receberam luvas de box. Floretes. Sabres. Apetrechos todos de duélos... E é assim mesmo. Continuarão casados? Antigamente responder-se-ia assim: naturalmente! Mas hoje... O problema matrimonial não é mais resolvido... é... dissolvido!...

Walter Lang, o director, tem sido visto, innumeras vezes, ao lado de Dorothy Davenport, a fiel viuva de Wallace Reid. Mas... Não cabará esta serie de Jogos de tennis. De jantares e almoços. Junto ao juiz de casamentos?...

Vozes do Coração

(FIM)

tão perto dalli e um minuto perdido seria, depois, o vexame a humilhação, a desgraça de ser preso de novo... E elle já se entregava nos braços da mãe querida para o ultimo beijo e para o ultimo adeus, quando ella, entre as palavras repassadas do maior carinho o aconselhou, dizendo-lhe que jamais temesse a alguem... e que quando o accuzassem — exigisse a prova! Aquellas palavras calaram, fundo no espirito de FULLER. E o impressionaram tanto que elle resolvera ir, agora, ao encontro da policia!... E com essa ideia fixa voltou para a cidadesinha donde fugira vendo-se logo cercado dos antigos. E com grande espanto viu que elles corriam para abraçal-o, um sorriso nos labios, mostrando-lhe a maior alegria. O seu espanto, porém, mais augmentou quando viu WEST approximar-se, os braços abertos para elle!... E em meio á alegria reinante contaram-lhe que HONK confessara o seu crime e que por signal já estava cumprindo pena... FULLER, radiante de felicidade volveu o olhar em redor, procurando o que mais lhe faltava: NORA!... Mas em pouco ella appareceu, tonta de alegria, apertando-o nos seus braços e apertando-lhe os labios nos seus labios, dizendo-lhe que era sua, só sua, dalli em diante para gozarem os dois muito juntinhos, a maior de todos as felicidades deste mundo...

A verdade sobre John Gilbert

(FIM)

um deslumbramento. Convenceu-se elle de que ella éra a unica mulher que o poderia fazer feliz e lhe propoz casamento. Ella acceitou e, depois, casaram-se.

Um casamento de tres semanas de convivencia, no entanto, sempre terá qualquer cousa a desejar... Crescidos. Elle, homem feito. Ella, mulher completa. Julgaram melhar residir em casas separadas. Que impedimento poderia haver nisso? Fannie Hurt, a conhecida escriptora e seu marido, por acaso não fizeram o mesmo, por muitos annos, com o mais completo successo?

Ultimamente, então, Jack tem sido visto junto a Ina, em toda parte. No casamento de Lowell Sherman. Na casa de Mary e Douglas. E, mesmo, quando Ina se foi, para New York, elle se foi despedir della e beijaram-se longamente, na estação. Temos, por isso e por outros motivos, a certeza de que é um casamento feliz.

O episodio da Europa, que citam, é vulgar. Então será impossivel um casal brigar, nos primeiros dias de casamento? A briga, aliás, foi ligeira e passageira... Só foi notada, mesmo, porque se tratava de John Gilbert...

O facto delle ter perdido, na quéda do cambio, na Bolsa, ha tempos, nada significa. Por acaso elle, com o immenso ordenado que tem e com a fortuna que possue. Não pode jogar e perder? Outra cousa que só se nota porque é John Gilbert...

E, o caso do seu film *His Glorious Night*. O seu primeiro enorme fracasso. O seu primeiro pessimo film. Deve-se, principalmente, é falta de cuidado delle, com sua voz e, ainda, á direcção detestavel de Lionel Barrymore que anniquilou o que restava.

Agóra, tratado por um especialista espledido, elle recuperará a sua voz. Não haja duvida! E, depois, será possivel duvidar que elle conquiste o seu publico, de novo?

Não!

Porque o publico o ama.

Porque o publico o quer.

Não temos razão?

Cinema Brasileiro

(FIM)

ro não é uma questão de termos esta arte ou industria. E' uma grande questão social!

—oOo—

Augusta Guimarães já terminou o seu trabalho em *Labios sem Beijos*, da *Cinédia*.

Chamada para interpretar um papel que tinha sido todo especialmente escripto para Luisa Valle, devido ao successo alcançado em *Barro Humano*, Augusta Guimarães, que se acha no elenco do Theatro Recreio, substituindo a mesma artista, revelou-se uma figura interessantissima que vae agradar á todos os "fans" e ficar para sempre no Cinema Brasileiro.

Didi Viana e Decio Murillo, o par principal de *O Preço de um Prazer*, e, tambem, figuram em *Labios sem Beijos*, já terminaram, tambem, os seus papeis neste film. Assim, o publico terá occasião de os conhecer mais depressa e, tambem, vel-os juntos antes do film que os trará nos primeiros papeis.

As unicas sequencias restantes, são as com Tamar Moema, que, por toda esta semana, deverá ter concluido o seu trabalho. Assim, é esperar-se, sem duvida, que, antes de meiados de Agosto, já esteja elle em exhibição pelos nossos Cinemas.

Cinema de Amadore

(FIM)

amadores, tudo é simplificado, tudo é construido de modo a dar o minimo trabalho possivel ao possuidor, mas, mesmo assim, varios amadores se encontram ás vezes em largas difficuldades. A causa disto reside, e todos os verdadeiros amadores conhecem-na de sobra, no facto de não se ter lido o livro de instrucções que acompanha cada typo de projector. Si o livro não veio acompanhando a caixa, quando a compra foi effectuada, o amador precisa e deve exigil-o. E isso porque estamos certos de que, seguindo-se as instrucções cuidadosamente, todas as pequeninas difficuldades da projecção se desvanecerão totalmente.

RUTH...

(FIM)

der durante as suas longas horas exhaustivas de ensaio. Essa etapa ella a venceu numa tournée, durante o verão e a primavera, da companhia musical a que se incorporára. Passado um anno, resolveu abandonar o genero musica a arranjou logar em uma companhia dramatica para fazer pequenos papeis. Ali, com Lowell Sherman, Pauline Lord e Lenore Ulric, aprendeu a technica do drama-inestimavel conhecimento para uma joven desprotegida de 15 annos. Mesmo, porem, no abarrotado mundo theatral da Broadway, ha meios de se distinguirem rapidamente as competencias, e a ascenção de Ruth foi qualquer coisa de meteorica. Aos 18 annos ella era estrella. Os triumphos succederam-se. Agindo com intelligencia, Ruth não se mostrava demasiado á Broadway. As suas férias ella as passava frequentemente na Europa, reservando gran parte do tempo á França, cuja lingua estudou seriamente. Esses conhecimentos levaram-na a traduzir "La Tendresse", que ella propria montou e representou.

Após uma serie de successos em New York, a estrella tomou o rumo de Los Angeles, para se exhibir em "The Green Hat" e "The Devil's Plum Tree". Nesse meio tempo ella se casou com Ralph Forbeste, o sympathico e joven artista inglez, que fazia film em Hollywood.

Durante o periodo em que elles dois, marido e mulher, interpretavam os protagonistas e "The Green Hat", compraram uma casa em Beverly Hills, que Ruth, aliás, mal desfrutava, em consequencia das suas continuas viagens para representar no theatro em New York. A sua recente incorporação á Paramount, porém, tornou-lhe possivel essa satisfação.

Emil Jannings era um dos espectadores interessados em uma das ultimas representações do "The Devil's Plum Tree", em Los Angeles. A impressão que lhe deixou a protagonista foi de tal ordem que elle pediu á Paramount a contrasse para o papel principal do film "Sins of Fathers". Depois da sua entrada para o Cinema, John Colton recusou consentimento para a representação da sua peça "The Devil's Plum Tree" em New York, sem Miss Chatteton no papel de protagonista.

O successo d'essa actriz mostra justamente quão bem ella se adaptou á téla. A sua encantadora voz já se fez ouvir em muitos films.

Declara ella que o film que mais difficil lhe pareceu foi o "Peccado dos paes", porque era silencioso. O seu grande interesse é pelo film falado.

"Não se vistam como nós"

(FIM)

real ao espectador. E, depois, do que realmente a moda aconselha. E, por isso que, muitas e muitas vezes, sabendo que pequenos existem que, sem pensar, seguem as modas dos film, que penso, maduramente, no quanto erram.

—oOo—

Depois de Kay Francis, procuramos Olive Borden. Sempre teve, entre as artistas, a fama de se vestir bem. E, quem a tem acompanhado, pelos films, com carinho, tem visto, realmente, que ella é uma das que melhor se vestem, mesmo.

— Prefiro, sem duvida, para meus vestidos, os de typo sportivo.

E, explicando melhor, proseguiu ella na sua conversa sobre modas.

— Na vida real, creia, eu não teria coragem de trajar, calmamente, os casacos de lamé e os outros costumes que me dão. Isto é logico! E' por isso que, quando recebo, como sempre recebo, cartas de pequenas, de diversos pontos do Paiz. Dizendo-me, alegres, que mandaram fazer vestidos de accordo com as modas que me viram trajando, em films, é por isso que me aborreço. Naturalmente, se ella usou de perspicacia e modificou o meu modelo, do film, ainda bem. Mas se, coitadinha, seguiu-a exactamente como a viu... O que será della, quando alguem reparar o seu vestido e comprehender que está totalmente errado? Nunca se deve acompanhar assim uma móda de Cinema. Nunca! Porque, muitas já disseram, mas eu digo, tambem. No Cinema, é uma cousa. Na vida, é outra.

—oOo—

Faltava-nos a opinião de Constance Bennett. Reconhecidamente, uma das pequenas do Cinema que melhor se vestem.

Procuramol-a e ouvimol-a.

— Vestir com successo, para o Cinema, é olhar, antes de mais nada, o effeito photographico do vestido. As lentes de uma *camera*, têm, sem duvida, muito mais largueza de vistas do que os olhos humanos. Apanha, nas menores minucias, linhas e curvas. E, tambem, deixa outras sem registrar. Os desenhistas dos Studios, quando traçam seus modelos, sabem perfeitamente disto e, assim, levam em conta justamente estes pontos. Assim, todos os vestidos, do Cinema, são feitos para os olhos das lentes, antes de o serem para os olhos do publico. Assim, toda a artista tem dois guarda-roupas. O de Cinema, com figurinos desenhados de accordo com as vontades da caprichosa objectiva. E, outro, particular. Em sua casa. Para seus passeios e para suas reuniões.

— A artista que se dirige, pois ao encontro da lente, tem maneiras estudadas. Aprende, com o director, o seu menor gesto. Tudo é medido e calculado, para devidos e determinados effeitos. Assim, se usa um casaco, por exemplo, tem-no photographado dos seus melhores angulos. As linhas desfavoraveis, que todos os costumes têm, nunca são photographadas. Só se apanham, mesmo, as linhas favoraveis. A illuminação, além disso, age directamente sobre este ponto, tambem. Illuminando o angulo favoravel e deixando no escuro o que não serve.

— Longe das luzes. Fóra dos olhos da objectiva. O tal casaco já conta uma historia bem differente... As linhas são quasi que imperfeitas, mesmo. E, assim, tem-se que ter, é logico, duas regras para trajes. A regra do Cinema é uma. A vida real, outra, totalmente diversa.

Era o que queriamos saber. E, palavra, depois de tantas opiniões iguaes, já temiamos que o nosso effeito tambem fosse outro... na vida real!

"O verdadeiro Paulo Morano"

(FIM)

Esta sua resposta, em tom sincero. Não veiu afogueada. Nem cheia de um jubilo fanatico. Foi dada simplesmente. Recompondo, naturalmente, as mulheres todas que já se cruzaram na sua vida... Relembrando, sem duvida, os momentos de felicidade e os instantes de amargor... Assim, que mais nos restava, no momento, sinão perguntar-lhe pelo que pensava da vida?

— A vida?... E' o reflexo de nós mesmos. Bôa, quando a acariciamos. Bôa, quando a tratamos com mimos e afagos. E má. Pessima. Quando a maltratamos e espancamos, com nossas más acções... Porque?... Ora... A vida não é feminina até na palavra que a significa?...

— Voce ás vezes parece desilludido... Já teve algum caso de amor, na sua vida?

— Tive. Mas antes delle, tive diversos outros. Com morenas e loiras. Com palidas e rosadas. Com figuras tenues e sentimentaes. Com uma serie dessas bonequinhas de futilidade e modernismos que por ahi andam... Mas todas, na minha vida, foram apenas um afago que se esquece. Uma ternura que se acaba... Uma dellas, eu amei. Amei, como já li que se ama uma só vez na vida... Na scena da minha existencia, teve ella o principal papel. Como nos films, houve os mal entendidos. Apesar disso, creia, continua sendo a principal figura... E' verdade que a scena está deserta. E que nada mais a illumina. Mas o echo luminoso da sua recordação sempre ali permanecerá...

Houve uma pausa. Bem grande. Bem pensada. Havia uma pergunta opportuna.

— Voce se casaria? O que pensa do casamento?

— Acho-o esplendido. Um acto serio e nobre. Gosto muito de assistir os casamentos dos outros...

— Então acha que um artista não se deve casar?

— Sabe, perfeitamente, que não sou artista. Apenas um amador que tenta uma grande arte. Mas acho, sinceramente. Que se me profissionalizasse, não me deveria casar. Porque, ahi, o casamento seria apenas um martyrio e não uma grande felicidade. Um artista não se deve casar!

Depois de alguns segundos de pausa, continuamos conversando.

— Qual é o typo de mulher que lhe agrada?

— Francamente... E' difficil. Aquella que temos sob os olhos e um pouco dentro do coração, é, sempre, o typo que se prefere. Mas... Não haverá, logo mais, outra que mude esse conceito? O typo que prefiro, é um só. Mas que vale dizer? Na verdade ainda não sei qual o typo que não aprecio...

Houve uma interrupção, Paulo Morano foi attender á um chamado e, segundos depois, voltamos á novas perguntas.

— O que acha voce do luar? Como deve saber, são tantos os que por elle se apaixonam...

— Eu já o quiz bem. Em dias melhores. Quando aquella que eu amei estava junto a mim. Agora... E'me indefferente. De resto, tambem não gosto delle, porque geralmente attrahe gatos e elles, miando, não nos deixam dormir...

— E os dias chuvosos, com *spleen*...

— Não. Positivamente, esses nada me commovem. Para dias de chuva, ha um remedio: capa de borracha... E, para *spleen*, outro: uma bôo anecdota... Mas já amei a chuva, confesso. Quando costumava soltar barquinhos de papel pela enxurrada...

— Você emprega romantismo nos suas declarações de amor?

(Termina no proximo numero).

A verdade sobre John Gilbert

(FIM)

Jack de annos atraz. O mesmo Jack que os criticos endereçaram. O mesmo Jack que elevou films communs ao nivel de superiores e os superiores, ao nivel de formidaveis.

Apesar disso tudo, a sua popularidade é tamanha. Tão grandes são os seus dons de seducção. Que o publico, apaixonado pelo seu casamento apressado. As brigas que teve com a mulher, durante a lua de mel. A luta com Jim Tully, num cabaret. Tudo isso, junto, faz o publico esquecer o artista para lembrar o homem. E, lembrando o homem, esquecer-se aos poucos do artista...

Isto já tem acontecido a muitos e a muitos ainda succederá.

Por isso é que esperamos, agora que John Gilbert reaja. Revolte-se. Retroceda. E, de novo, adquira, num golpe, a sua antiga popularidade e o seu antigo e tão prestigioso renome. Elle será o Roy Reigels, da nova temporada...

Ha dias, nos Studios da M. G. M., ouvimos algo sobre os formidaveis planos que se pensam realisar para os futuros films de John. E, emquanto isto, elle aperfeiçoa a sua voz.

Temos a plena convicção de que elle não pode soffrer o despreso do publico. Os "fans" ainda o querem e, mesmo, na forma do costume. E é por isso que querem esperar a sua rehabilitação para applaudir, depois, freneticamente, o seu successo.

Não é possivel crer na derrota radical de John Gilbert. O homem que já vibrou. Despedindo-se de Renée Adorée, em *Big Parade.* O homem que marchou, ao lado de Karl Dane e Tom O'Brien, no mesmo film, pelos bosques de Chateau-Thierry. Não se póde deixar vencer pelo primeiro obstaculo que se lhe surja pela frente!

Para tanto, era preciso que nada se conhecesse da sua extraordinaria força de vontade e do seu extraordinario vigor artistico.

Ha dez annos que o conhecemos. Nós o conhecemos, quando as cousas corriam bem mal. Nós o conhecemos, quando as cousas corriam ás maravilhas. Já o vimos deixar o Cinema e ir vender pneus e artefactos de borracha, desesperado, já, com o seu fracasso. E já o vimos voltar e colher, depois, os maiores triumphos... Já o vimos apaixonado. Já o vimos absolutamente indifferente. Já o vimos divertindo-se a ouvir um piano automatico, tocado mechanicamente, com um nickel qualquer. E já o vimos deliciando-se em passeios e mais passeios, no seu yacht particular, entre S. Pedro e ilha de Catalina.

Como homem, achamol-o estupendo. Seguimos, passo a passo a cadeia dos seus successos. Já o quizemos carregar sobre os hombros, depois do seu desempenho formidavel, em *Big Parade* e já o quizemos matar, com o seu triste papel, em *Mulher de Brio*... E' por isso que nos achamos perfeitamente á vontade falando delle...

Jack, na verdade, não se differencia muito de 9 ou 10 dos homens com quem você costuma jogar golf. De homens em summa, que fazem tudo que de corriqueiro ha, na vida.

O seu caracter é que o faz differente de muitos delles.

A unica differença, delle para os outros, mesmo é que elle é um bom artista.

O principal requisito, para ser genuino artista. E' um alto grao de emoção intensa. Uma sensibilidade aguda. Uma imaginação profunda para fazer crer, ao publico, aquillo que de irreal esteja vivendo. Os artistas são uma classe differente de todas as outras.

Jack tem todas as qualidades dos grandes artistas. Elle, portanto, é de uma emotividade eloquente. Fere-se com qualquer phrase. Melindra-se com um gesto, até. Mas á vóz do seu temperamento, discute com mais ardor do que qualquer dos homens e torna-se mais aggressivo do que uma féra. Nivela-se, neste particular, a qualquer outro grande artista.

Uma vez, discutindo com Richard Barthelmess, elle lhe disse.

— Sei que não sou um gigante intellectual. Mas tambem não sou um pigmeu...

O seu grao de estudos, não é demasiadamente perfeito. Falta-lhe, mesmo, em certos pontos, grandes conhecimentos que teriam sido indispensaveis. Mas elle é apreciador da sadia literatura. Lê cousas esplendidas e commenta-as, com raro brilho. E tem um raro senso de belleza e um grande amor ao que é profundamente artistico.

Um dos seus maiores defeitos, é tornar-se demasiadamente irritavel. Em relação á tudo. Casos. Conversas. Livros. Pessoas. Amigos e inimigos. Tudo, em summa!

A placidez das acções e a serenidade dos pensamentos. São coisas que elle desconhece, radicalmente. Ninguem pode affirmar que ignora os seus sentimentos. Porque elle os berra. Na voz mais alta, possivel e estende os braços e gesticula, profundamente. No emtanto, já o vimos, no Hollywood Bowl, a ouvir a execução da formidavel 9ª. Symphonia de Beethoven, de olhos razos d'agua e de coração opresso...

Elle adora a loquacidade e o humorismo. Jamais vimos, mesmo, homens que rissem tanto quando John Gilbert, Ronald Colman, William Powell e Richard Barthelmess. Isto antes de se desfazer a quadrilha e de Dick e Jack se casarem...

Os seus amigos o estimam, cremos, por causa das suas expansões profundas e sinceras. Gostam de Jack, mesmo, porque, nos momentos de maior tristeza e emoção. Encontram, ao lado delle, diversão saudavel e agradavel.

Jack fala. Fala até demais. Por tudo e para tudo. E' raro ter golpes de *spleen*. Ramon Novarro, certa vez, nos disse que raramente tinha ouvido alguem falar daquella forma e com aquelle brilho. Aliás, para Ramon, Jack é o maximo vulto da téla.

Os seus desesperos. As suas alegrias. A exhuberancia das suas expressões, são intensissimas. Elle soffre todas as emoções, com mil vezes mais vigor do que qualquer outro ser que já conhecemos, em vida. E é bem por isso que, quando vive os seus papeis. Convence o publico e o torna apaixonado pela sinceridade do seu desempenho.

Já disse, alguem, que elle se parece muito com Eurico Caruso. Isto, sem duvida, a principio sôa como se fosse um grande absurdo. Mas, afinal, elle tem, mesmo, muito do genio e das attitudes do grande e formidavel tenor.

Por isso. Por causa do seu genio. E' que elle era susceptivel ás grande amisades. E ás grandes inimisades, tambem. Pois bem. Elle não supportava Jim Tully.

Isto não quer dizer, no emtanto, que Jim seja, de facto, um individuo despresivel. Ao contrario. Jim é estupendo. Nós o apreciamos muito, tambem. E' nada mais e nada menos, um irlandez que a vida maltratou, desde os pequenos dias. E que, assim, della guarda o peor boccado...

Ha tempos, elle disséra, de Gilbert, cousas que este reputou demasiadamente intimas e demasiadamente grosseiras. Cousas tolas, diga-se. Nós, mesmo, dissemos varias vezes á Jack que aquillo era tolice. Cousas assim, afinal, nada melhor se tem, para combater, do que o profundo silencio e o profundo menospreso. Mas, para Jack, aquillo era um ferrete insupportavel que dia a dia o fazia augmentar o odio que tinha de Jim.

De facto, foram cousas que feriam, as que Jim disse.

E, assim, quando, numa noite elle e Ina Claire, entraram pelo Brown Derby, a dentro. Para ceiarem. E, lá, viu Jack a Jim. Que tomava o seu café. Perdeu elle a cabeça e, sem mais nada ver, apenas chamado pelo seu temperamento profundamente impetuoso, atirou-se á Jim, para o ajuste final.

Ora, afinal atacar Jim era o mesmo que atacar um gorilla. Por causa da sua força bruta e do seu training de ring. Training, esse, que já o fizera vencedor de innumeros torneios e importantes, mesmo. A desvantagem era de um Bancroft para uma criança. Mas Jack, apesar disso, teve a coragem de o enfrentar. Com as suas convicções, esqueceu-se de que o outro era perito no box. A luta foi rapidissima. Porque, assim que Jack o agarrou e lhe arrumou, ao rosto, as brutalidades que elle lhe tinha dito e a consequente resposta, Jim viu, logo, nos olhos brilhantes do adversario. A sua decisão de brigar. E, assim, antes de Jack começasse, começou elle a surral-o com murros poderosos e certeiros.

Sinceramente, é justamente o que houve em relação á esta luta. E, tão errado foi aquillo. Da parte de ambos. Que Jim, afinal, chegou a se arrepender amargamente do que fizera e Jack, por sua vez, da impetuosidade das suas palavras. E, assim, dias depois, tudo combinado, sem que elles soubessem, chegou a opportunidade de se apertarem as mãos.

Outra cousa que muito o prejudicou, afinal de contas. Foi terem-no lançado, logo, num genero todo especial. Que eram aquellas historias de Elinor Glyn. Cheias de "IT". Cheias de sensualismo. Em que elle nada mais tinha a fazer do que beijar. Furiosamente. Abraçar, com força de tamanduá. Anniquilar a heroina, physicamente, só por causa de um beijo...

E, assim, como foi successo esse primeiro film, todos os outros o foram, pelo mesmo diapasão. Tal qual o medico que fez maravilhosamente uma operação de apendicite e que, por isso, fica especialista em apendicite, nada mais podendo ou tendo o direito de tentar realisar, siquer...

Assim é John. No emtanto, apesar de tudo isso, elle é um artista de raros meritos. Douglas Fairbanks foi um assombroso D'Artagnan. No emtanto, era um papel que seria o maior de Jack Gilbert. Porque elle é o verdadeiro D'Artagnan do Cinema. Deviam, assim, approveital-o em historias mais humanas, mais fortes. E não *standardizal-o*, em papeis que rimam, todos, pelo mesmo diapasão...

Depois disso, a sua epoca com Greta Garbo, transformou-o, em pouco, no *mais perfeito amante da téla.* Outro absurdo, sem duvida. Porque elle, amando, afinal, com um pouco mais technica. Salientava-se dos demais. Deveria, por isso, permanecer, sempre, nos mesmos papeis? Dahi, para se julgar que elle, afinal, seja o mesmo *perfeito amante,* para todas as mulheres com as quaes se encontre, vae um grande absurdo. Porque Jack admira as mulheres lindas, é exacto. Mas estamos para achar o homem que não o faça... Elle tambem aprecia as mulheres interessantes, vivas. Mas, dahi para sheik, a distancia é longa e seria, mesmo, o maior dos absurdos pol-o nesse nivel.

Querem transformal-o em piratão refinado. Porque elle tem tido casos de amor. Inclusive o que teve, com Greta Garbo, dos mais romanticos, aliás, que elle tem tido, em vida... Mas, afinal, qual dos homens não tem tido casos assim, na vida? E, por isso, é um aguia?

Lembramo-nos, muito bem, de certa occasião em que falamos com Jack. Elle estava entristecido e parecia estar soffrendo alguma cousa. E era, justamente, a epoca em que elle mais apaixonado estava por Greta Garbo e ella por elle. Falou-nos elle, antes de mais nada, na felicidade de um casamento, se possivel fosse, que reunisse, sob um mesmo tecto, um casal de mesmo nivel intellectual e moral. Havia, nas suas palavras, naquelle instante, qualquer cousa que fazia suppor que Greta Garbo fazia soffrer... Afinal porque se apaixonou elle por Greta Garbo? E' por acaso o homem que escolhe as mulheres pelas quaes se apaixona? Ou é o destino?...

Ahi está a causa do seu rapido casamento com Ina Claire. E' que elle já se achava intei-

(Termina no fim do numero).

REDEMPÇÃO

(FIM)

a sua vida. Pasmavam os que o conheciam. Mas 365 dias estivéra Fedya ao lado da lareira. Lendo. Acariciando a esposa. Querendo bem uma só mulher...

Mas, depois de um anno...

Começou a quéda. Foi rapida. Rapida, como fôra a paixão que os envolvera... A primeira noite, jogou. Depois, na noite seguinte, jogou mais. Acabou jogando, a noite toda. E, por fim, já nem mais satisfacções dava ao olhar magoado de sua esposa, que o recebia á porta, pleno dia, já...

Bom de coração... Mas de alma fraca! Lisa cada vez o amava mais. Perdoava-lhe aquellas exquisitices. Achava que era natural aquelle aborrecimento do lar. Não o podia acompanhar...

E foi com a vinda daquelle filho. Pequenino. Mas já de olhos pretos e grandes... Moreno, tambem, que Lisa comprehendeu que a salvação se podia operar.

Depois de horas de ternura, de arrependimento, elle tombou aos pés do seu leito. Acariciou-a. Não falou. Falavam, por elle, as lagrimas que cahiam de seus olhos...

— Lisa...

Disse. A voz entrecortada de soluços...

— Era elle que me fazia falta! Agora comprehendo a sorte de tolo e malvado que tenho sido... Sei que és a minha felicidade! Não passei, afinal, de um idiota... Perdôa-me sim?

Sim, Fedya! Eu sempre contei que

(Termina no proximo numero)

COQUETTE

(FIM)

— Norma, minha filha, quem é o rapaz?

— E' Michael Jeffery.

— Tu o amas?

— Não. Apenas me sympathiso com elle.

—E, então, porque é que elle toma assim a tua defesa?

— Sei lá...

Mas, intimamente, Norma sentia aquella gentileza de Michael. A' noite, Stanley esteve em sua casa. Contou tudo á ella. Que elle chegára. Ouvira a phrase. Castigára o que a desséra... E gabou-lhe a acção.

— Norma, Elle te ama. Custa-me que to diga. Mas é verdade e eu o acho distincto e digno do teu carinho...

Aquella noite, nem Norma e nem o dr. John dormiram.

Elle, pensando no dia seguinte e no que diria ao improvisado defensor de sua filha.

Ella... Em que? Em Michael? Na sua acção? em que?... Não sei, não...

* * *

No dia seguinte, o dr. John mandou chamar Michael.

— Quem é o senhor?

— Michael Jeffery.

— Já sei. Mas quem é?

— Trabalho, lá nos morros, e penso enriquecer. Se já não parti, senhor, fui unicamente porque amo sua filha. E tencionava pedil-a...

— O que?

— Sim. Pedil-a em casamento!

— Óra... Meu bom amigo! Por quem é! Dá-me um escandalo. Envolve o nome da mulher que diz amar. Brutalmente! E, depois, dizendo-se rancheiro. "Lá em cima!". Ainda me diz que a quer deposar? Se eu nem o conheço, ainda...

Michael revoltou-se.

— Mas ha de me conhecer!

Norma entrava.

— Michael!

Achegou-se á elle, Apertaram-se as mãos.

— Michael. Eu lhe agradeço, sabe?

— O que, **darling?**

— A sua acção de hontem...

Michael olhou victorioso, para o pae. Este o interrompeu.

— Menina! Você lá entende de bôas acções! E você, seu **heróe** de cafés... Vá ganhar a vida! Vá se fazer! Volte. Mas volte dizendo que é um homem de valôr e não... um...

Preferiu não terminar a phrase. Michael procurou ouvil-a. Aquelle amesquinhamento ferira-o, profundamente, Sahiu, num impecto. A' porta, alcançou-o Norma.

— Michael!

Elle continuou andando. é

— Meu Michael!

Elle parou e voltou-se, rapido. Ella o chamára de...

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual o semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21 Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518 Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

— Norma! Ouvi bem?

— Sim. Você ouviu bem. Eu disse. **Meu** Michael!!!

Abraçaram-se.

— Vou voltar para lá. Crês em mim?

— Creio! Pode voltar, que aqui ficarei. Jamais amei, crea. Porque jamais cri nos homens. A sua acção, de hontem. Por mim. Fez-me crente. — Eu confio em você, Michael. Você me promette que volta para me buscar?

A resposta foi um beijo. Longo e terno. Trocado com todo o amor.

Depois elle partiu e ella ainda o ficou vendo sumir...

* * *

— Papae... Porque infeza o senhor com Michael Jeffery?

— Porque... Óra, minha pequena! Porque os homens que amam, não dão escandalos. E, além disso, elle... O que é elle? Quem é elle?

— E' o seu futuro genro, papae...

E, antes que elle se enfurecesse, saltou para os joelhos do pae. Elle calou. Ella, meiga, acariciou-o, e depois perguntou.

— E se Papae estivesse lá, em logar delle. E ouvisse a offensa, o que faria, hein?

— Eu?... Eu?...

Fel-a saltar dos joelhos. E não respondeu. Ahi é que Norma comprehendeu que seu pae a temia perder e, assim, queria afastar o homem que sabia que ella amava...

* * *

Um dia, houve uma grande festa. Descido dos montes, Michael viéra apenas passar algumas horas ali. Queria ver Norma. Não supportava mais a sua infelicidade. Era desgraça demais para supportar... Precisa beijal-a. Precisava acaricial-a. Queria tel-a ao lado, feliz e contente, enchendo seu coração de jubilo e enthusiasmo. E, depois, além disso, trazia-lhe uma bôa noticia. Conseguira, afinal, melhorar sua sorte que até então estivéra incertissima.

Mas, para não a prejudicar. Para a fazer feliz, não aborrecendo seu pae. Ao qual ainda não podia apresentar os documentos da sua victoria. Apenas se limitou a espiar a dansa, A ver sua Norma dansar com outros. A vel-a sorrir. A vel-a conversar com todos... Mas surprehendida a infelicidade e a saudade que havia no seu olhar, quando elle parava. E comprehendia, contente, que, aquillo, era a muda mensagem de amor que constantemente ella lhe estava mandando...

Ali foi que Stanley o surprehendeu.

— Oh lá, Michael! Não entras?

Michael segurou-o.

— Não. Sabes que o pae della não me traga... Mas...

Stanley comprehendeu tudo. Bondoso. Foi chamar Norma. Ella, nervosa, encontrou-se com elle.

— Meu Michael!

Beijaram-se. Ali mesmo, ás vistas de Stanley.

— Você demorou tanto!... Eu já me sentia tão só...

Michael nem falava. Uma extranha emoção tolhia-lhe a fala...

— Michael... Não teme papae?

Combinaram encontrar-se. Na cabana distante. Aonde poderiam estar á vontade. Conversar á vontade. E tudo mais!

— Vens?

— Irei. Espera-me aqui, sim?

E, sob a protecção de Stanley, Norma sahiu e dirigiu-se, calmamente, para a cabana distante. Aonde poderia ouvir os planos bonitos de Michael! E poderia, ainda, beijal-o longe das vistas dos indiscretos e longe dos que queriam impedir aquelles dois corações de se quererem bem.

(Termina no proximo numero)

CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..."

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul = O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencantal-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quér sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª. — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamem, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR. 21 — RIO DE JANEIRO

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

Off.a Graph.a d' O MALHO